

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ALICE DOS SANTOS FRANSKOVIAK

REI E SANTO:
INTENCIONALIDADE POR TRÁS DA REPRESENTAÇÃO DE LUÍS IX EM *HISTOIRE*
DE SAINT LOUIS – SÉCULOS XIII E XIV

CHAPECÓ

2026

ALICE DOS SANTOS FRANSKOVIAK

REI E SANTO:

INTENCIONALIDADE POR TRÁS DA REPRESENTAÇÃO DE LUÍS IX EM *HISTOIRE
DE SAINT LOUIS* – SÉCULOS XIII E XIV

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Renato Viana Boy

CHAPECÓ

2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Franskoviak, Alice dos Santos

Rei e Santo: Intencionalidade por trás da representação de Luís IX em Histoire de Saint Louis - Séculos XIII e XIV / Alice dos Santos Franskoviak. -- 2026.

53 f.:il.

Orientador: Doutor Renato Viana Boy

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2026.

1. Luís IX. 2. representações. 3. Histoire de Saint Louis. I. Boy, Renato Viana, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ALICE DOS SANTOS FRANSKOVIAK

REI E SANTO:

INTENCIONALIDADE POR TRÁS DA REPRESENTAÇÃO DE LUÍS IX EM *HISTOIRE
DE SAINT LOUIS* – SÉCULOS XIII E XIV

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em
01/06/2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RENATO VIANA BOY**
Data: 16/06/2026 19:51:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Renato Viana Boy – UFFS
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **KAUE JUNIOR NECKEL**
Data: 16/06/2026 20:01:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Kauê Junior Neckel – IFSC - Concórdia
Avaliador

Documento assinado digitalmente
 **DELICIO MARQUETTI**
Data: 18/06/2026 10:34:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Délcio Marquetti – UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho aos meus pais, Andréa e Agostinho, por cada pé de fumo plantado e colhido, que tornou possível que uma simples filha de agricultores familiares pudesse se formar em uma universidade federal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar comigo mesmo quando não estive com Ele.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida escolar, tanto no ensino fundamental, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cardeal Roncalli, como no ensino médio, no Instituto Estadual de Educação Padre Vitório. Vocês me inspiram todos os dias a seguir o caminho da educação.

Agradeço a todos os professores do curso de licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul por todo o conhecimento transmitido. Sinto que não poderia ter escolhido lugar melhor para estudar do que este curso e essa universidade, com profissionais tão qualificados e apaixonados pelo que fazem. Todos deixaram uma marca muito importante em minha vida.

Agradeço a Associação dos Estudantes Universitários de Planalto – RS (ASSUPLAN), da qual fiz parte da diretora por dois anos, por organizar o transporte diário entre Planalto e Chapecó, possibilitando que dezenas de estudantes se desloquem todos os dias entre um estado e outro, em busca de seus sonhos.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Renato Viana Boy, pela jornada travada ao meu lado durante a construção dessa pesquisa. Saiba que você é um grande profissional, um professor que dispensa elogios e um orientador dedicado, atencioso e brilhante. Sua contribuição para este trabalho foi essencial para que eu pudesse dar o meu melhor nessa pesquisa e entregar para a banca um trabalho antes do tempo previsto. Saiba que você é uma inspiração, não só para mim, mas para todos os estudantes do curso. Obrigada por me guiar nessa jornada louca que é a vida acadêmica.

Agradeço a banca examinadora por aceitar o convite de participar deste momento tão importante para a minha trajetória. Kauê, um jovem pesquisador e professor de História. Saiba que você já é uma referência! Seu exemplo mostra como a academia também é um espaço para os mais novos e não apenas aos profissionais com anos de experiência, já consolidados em seus campos de atuação. Sua trajetória me move a querer tentar também. Querido Délcio, lembro-me muito bem do dia que me abordou no corredor, durante um intervalo de uma aula sua, para dizer que adoraria assistir uma aula minha. Acho que o senhor não tem ideia do quanto isso foi importante para mim e como aquele momento me marcou. Agradeço por todas as aulas e tudo que aprendi contigo. Ter você nesse momento é muito especial para mim.

Agradeço os meus colegas de turma Ana, Cesar, Ingrid, João, Maria e Stefany pela companhia nesses 9 semestres. Obrigada por tornar o peso da graduação mais leve e enfrentar os desafios da vida acadêmica comigo.

Agradeço o meu amor, Maurício, por todo o apoio durante esses 4 anos de graduação. Você esteve comigo do ENEM ao ENADE, nos momentos de angústia e ansiedade e nas alegrias e comemorações. Obrigada por tudo que fez por mim todos esses anos. Sou muito feliz e grata de poder dividir essa conquista contigo. Te amo.

Agradeço a minha avó materna, minha pequena Erilde, por todas as orações, por todo apoio e por todo o incentivo. Mesmo longe de mim fisicamente, sua presença sempre foi constante e seu amor é sentido por mim todos os dias, não duvide disso. Te amo.

Agradeço meus pais, Andréa e Agostinho, por me possibilitarem agarrar uma oportunidade que vocês não tiveram quando jovens. Saiba que essa conquista não é só minha, é nossa. Obrigada por tudo que me ensinaram, obrigada por todo amor e carinho, obrigada por sempre acreditarem em mim mesmo quando eu não acreditei.

Mãezinha, obrigada por fazer meu lanche quando não tive tempo. Obrigada por deixar a luz ligada e só desligar quando eu chego. Obrigada por escutar sobre um trabalho aleatório mesmo não tendo ideia do que eu estou falando. Obrigada por sempre pedir como foi a prova, se eu estou bem, se não estou com frio ou fome.

Pai, obrigada por trabalhar todos os dias, embaixo de sol e chuva, mesmo com dor, mesmo mancando, para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por cada safra plantada pensando no meu futuro. Obrigada por me socorrer quando o carro estraga, quando o pneu fura, obrigada por estar sempre pronto para me ajudar.

É por vocês dois que eu agarrei a oportunidade me formar em uma universidade federal e não soltei, em hipótese alguma.

Por fim, agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó. Até alguns anos atrás era impensável estudar em uma universidade pública sem ter que se deslocar para grandes centros, longe da nossa região. Hoje o ensino de qualidade está embaixo do nosso nariz.

Viva a universidade pública, gratuita e de qualidade! Viva a UFFS!

“‘Ciência dos homens’, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: ‘dos homens, no tempo’. O historiador não pensa apenas ‘humano’. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração.” (Bloch, 2002, p. 55).

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma análise da obra *Histoire de Saint Louis*, escrita por Jean de Joinville entre 1306 e 1309, que retrata a jornada do autor ao lado do rei francês Luís IX (1214-1270) na 7ª cruzada (1248-1254) e no retorno para a França. Luís IX foi rei da França entre 1226 e 1270. Em 1248 parte para o Oriente comandando a 7ª cruzada. No retorno, em 1254, busca reformar vários aspectos do reino, buscando que seus súditos cumprissem os valores cristãos. Em 1270 decide retornar em uma nova cruzada (8ª cruzada). Luís IX morre em Túnis, no dia 25 de agosto de 1270, após contrair disenteria. Em 1297 o rei francês é canonizado pelo Papa Bonifácio VIII, durante o reinado de Filipe IV (1285 – 1314). A fonte utilizada neste trabalho é encomendada por Joana de Navarra (1273-1305) pouco antes do seu falecimento. Por conta disso, o autor entrega a obra finalizada para o herdeiro do trono francês. Neste livro, o autor destaca os principais ensinamentos do rei francês durante o período que foram próximos, além de momentos em que Luís IX demonstrou ser um bom cristão e um bom rei. A obra é considerada um espelho de príncipes, pois é destinada aos futuros reis para que se espelhem nas condutas destacadas pelo livro. A partir disso, o objetivo deste trabalho é compreender qual é a intencionalidade por trás da escrita da *Histoire de Saint Louis* e da criação de uma representação de Luís IX como modelo de rei santo. A hipótese central é que o contexto histórico que o autor vivencia enquanto escreve a obra influencia sua escrita. Dessa forma, a intencionalidade perpassa os conflitos vividos entre a França e o papado no início do século XIV. A metodologia empregada envolve a História das Representações, tendo com principal obra utilizada o livro “A História Cultural: entre práticas e representações” de Roger Chartier. Além disso, a História Crítica também foi aplicada, a partir da obra “Apologia da História” de Marc Bloch. Ao longo de dois capítulos, o presente trabalho apresenta a fonte e seu autor, a vida de Luís IX e discute a metodologia utilizada. Além disso, apresenta o contexto histórico em que a obra foi escrita, faz uma análise e discussão de trechos da fonte, buscando alcançar os objetivos traçados.

Palavras-chave: Luís IX; representações; *Histoire de Saint Louis*.

ABSTRACT

This work consists of an analysis of the book *Histoire de Saint Louis*, written by Jean de Joinville between 1306 and 1309, which portrays the author's journey alongside the French king Louis IX (1214-1270) in the 7th Crusade (1248-1254) and his return to France. Louis IX was king of France between 1226 and 1270. In 1248 he left for the East commanding the 7th Crusade. Upon his return in 1254, he sought to reform various aspects of the kingdom, aiming to ensure that his subjects maintained to Christian values. In 1270 he decided to return on a new crusade (8th Crusade). Louis IX died in Tunis on August 25, 1270, after contracting dysentery. In 1297 the French king was canonized by Pope Boniface VIII, during the reign of Philip IV (1285-1314). The source used in this work was commissioned by Joan of Navarre (1273-1305) shortly before her death. Because of this, the author delivered the completed work to the heir to the French throne. In this book, the author highlights the main teachings of the French king during the period they were close, as well as moments in which Louis IX demonstrated himself to be a good Christian and a good king. This book is considered a mirror for princes, as it is intended for future kings to emulate the conduct highlighted in the book. Therefore, the objective of this work is to understand the intention behind the writing of the *Histoire de Saint Louis* and the creation of a representation of Louis IX as a model of a saintly king. The central hypothesis is that the historical context the author experiences while writing the work influences their writing. Thus, the intentionality permeates the conflicts experienced between France and the papacy at the beginning of the 14th century. The methodology employed involves the History of Representations, with the main work used being the book "Cultural History: Between Practices and Representations" by Roger Chartier. Furthermore, Critical History was also applied, based on Marc Bloch's work "The Historian's Craft". Over the course of two chapters, this work presents the source and its author, the life of Louis IX, and discusses the methodology used. In addition, it presents the historical context in which the work was written, it analyzes and discusses excerpts from the source, seeking to achieve the stated objectives.

Keywords: Louis IX; representations; Histoire de Saint Louis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Filhos de Luís IX e Margarida de Provença	21
Imagem 2 – Roteiro das cruzadas de Luís IX.....	24

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
2	A INTENCIONALIDADE POR TRÁS DA CONSTRUÇÃO DE UMA REPRESENTAÇÃO DE LUÍS IX	17
	2.1 VIDA E MORTE DO REI SANTO.....	17
	2.2 JEAN DE JOINVILLE E SUA “OBRA-PRIMA”	24
	2.3 <i>HISTOIRE DE SAINT LOUIS</i> E A INTENCIONALIDADE POR TRÁS DE SUA ESCRITA	30
3	HISTOIRE DE SAINT LOUIS: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE DA FRANÇA	35
	3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E HIPÓTESE.....	36
	3.2 BUSCANDO O NÃO DITO: ANÁLISE DA FONTE.....	38
	3.3 AS LACUNAS E A BUSCA POR RESPOSTAS.....	42
4	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Da mesma forma que o historiador busca entender o contexto em que a fonte foi produzida, é preciso entender o contexto em que um trabalho surge. Dito isso, para entender como esta pesquisa surgiu, é necessário entender um pouco de quem a escreveu.

Cresci numa pequena cidade do norte do estado do Rio Grande do Sul chamada Planalto. Povoada originalmente por povos Kaingang e Guarani, recebeu no início do século XX vários descendentes de imigrantes europeus, em sua maioria italianos e poloneses. Inicialmente era um distrito da cidade Iraí, mas em 13 de abril de 1964, pouco após o início da ditadura, se emancipa. A fé católica está por todo o município. A Paróquia Nossa Senhora das Graças é anterior a criação de Planalto como município. Subordinadas à organização paroquial estão várias capelas, organizadas em bairros e comunidades do interior. Entre elas está a capela São Luís Rei, localizada numa comunidade que leva o mesmo nome do seu santo padroeiro. É ali que vivi minha infância e adolescência e ainda vivo minha juventude.

A igreja é o centro de uma comunidade de interior. Ali o povo se reúne após o culto de domingo, é ali que as festas acontecem, é ali que se lamenta, é ali que se alegra. É em frente à igreja que está a escola que os filhos dos homens e mulheres que frequentam a capela todo domingo estudam. Foi ali que eu estudei e foi ali que eu entendi que queria ser professora.

O nome “São Luís” foi tão comum em toda a minha vida que, por muito tempo, nunca o questionei. Até que entendi que São Luís era, na verdade, um rei. Agora faz sentido a imagem do nosso padroeiro ter uma coroa e uma espada. Entretanto, por muito tempo, nunca soube mais do que isso. Todos os anos, antes da festa do padroeiro que acontece em agosto, três noites são dedicadas para a preparação. Em um desses anos, frequentei todas essas três noites com o meu pai. Em cada uma delas era contada uma parte da história de vida desse rei santo. Essa foi a primeira vez que tive contato com a biografia de Luís IX (1214-1270).

Isso ficou guardado em algum canto da minha mente. Cresci, estudei, fiz o ensino fundamental e o ensino médio. Decidi que queria ser professora. Descobri que a UFFS existia e descobri as licenciaturas que ela oferecia. Por fim, achei que estudar História seria uma boa ideia. Entrei no curso sem entender direito o que era um historiador, mas com pouco tempo já estava radiante com a ideia de ser uma. Me aproximei da história medieval já no início da graduação. Quando surgiu a vontade pesquisar, lembrei daquelas três noites em que conheci a história de São Luís. Comecei procurar entender quem tinha sido este nome tão repetitivo em minha vida.

Luís IX foi um rei que subiu ao trono ainda criança e que ficou sob a tutela de sua mãe, Branca de Castela. Cresceu, casou-se aos 20 anos com Margarida de Provença. Adoeceu e prometeu a Deus que seria cruzado caso sobrevivesse. Ele sobrevive e toma a decisão que mudaria sua vida. Organiza a 7ª cruzada da história cristã (1248-1254), vai até o Egito e entra em confronto com as populações locais. É derrotado, diversas vezes e de diversas formas. É inclusive feito prisioneiro. Mesmo assim, decide continuar no Oriente, fortificar cidades e continuar em busca de Jerusalém. Enquanto tudo isso ocorre, do outro lado do mar Mediterrâneo, a França está nas mãos de sua mãe, aquela que já havia ajudado o rei a governar no passado. A morte dela é o motivo que fez Luís IX retornar.

Toda a jornada em busca da Terra Santa e os fracassos acumulados pelos cruzados nesse processo, tornaram o rei francês um novo homem. Ele crê que todas as derrotas são uma forma de Deus castigar a ele e a seu reino. A solução seria parar de desagradá-lo e seguir os ensinamentos e os valores cristãos. Para isso, Luís torna-se um homem mais humilde, mais justo, mais pacífico e toma medidas para que seus súditos assim sejam. Realiza reformas que contemplam todo o reino que buscam combater maus costumes e promover a justiça entre os seus.

Entretanto, o chamado da Terra Santa não para de ecoar. Decide se tornar cruzado novamente, apesar de não possuir mais um corpo jovem. Em Túnis, doente, o rei acaba não resistindo a disenteria e falece. Sua vida terrena acaba, mas seu papel dentro do reino francês perdurará. Inicia-se o processo de canonização para tornar Luís IX o primeiro rei francês santo. Seu corpo físico já não existe mais, mas sua representação ainda está ligada ao reino.

Toda essa pesquisa me levou até a fonte utilizada neste trabalho: o livro *Histoire de Saint Louis*, escrito pelo senescal de Champanhe, Jean de Joinville. O nosso autor esteve junto de Luís IX durante a sétima cruzada (1248-1254), tornando-se íntimo do rei e participando de momentos importantes ao longo da cruzada e depois dela. Após a canonização do rei, Joana de Navarra, esposa de Filipe o Belo, pede a Jean de Joinville que escreva esta obra. Ele busca contar o que passou ao lado do rei, e nos momentos que não esteve presente, como na morte, procura testemunhas oculares para completar seu relato. A obra foi entregue a Luís X, já que Joana de Navarra faleceu antes do término dela. Todas essas informações são fornecidas pelo próprio autor, Jean de Joinville, ao longo do texto.

A obra, de forma geral, é considerada um espelho de príncipes, pois traz elementos importantes sobre a trajetória de um rei canonizado santo, além do que o próprio autor escreve em seu texto, dizendo que as santas palavras de Luís IX sirvam para edificar aqueles que

ouvirem. (Jean de Joinville, 2022, p. 15)¹. A edição utilizada para este trabalho é intitulada como *O Santo das cruzadas: São Luís Rei da França*, distribuída pela editora brasileira Minha Biblioteca Católica e traduzida para o português por William Bottazzini Resende. A tradução foi feita a partir da edição traduzida para o francês moderno e comentada por Jacques Monfrin. Já a edição de Jacques Monfrin foi traduzida para o francês moderno a partir de um dos originais encontrados e que está disponível online na Biblioteca Nacional da França.

Decidi transformar tudo isso em uma iniciação científica voluntária, que contribuiu para que este trabalho de conclusão de curso surgisse. Pesquisando sobre o tema em português, foi possível perceber pouca produção sobre. Apesar de existirem vários trabalhos sobre Luís IX, a maioria deles é de autores franceses e em língua francesa. Um exemplo claro é a obra *São Luís – Biografia*, de Jacques Le Goff. Originalmente escrita em francês no ano de 1996, que chega ao Brasil em 1999 a partir da tradução da editor Record.

Além disso, os trabalhos brasileiros sobre o tema utilizaram a fonte em francês ou inglês. Por exemplo, a dissertação de mestrado (2011) e a tese de doutorado (2018) de Marília Pugliese Branco e a dissertação de mestrado (2016) de Guilherme Beltrão Rosa Marinho Carvalho. Ambos os autores estão referenciados neste trabalho. Por conta do lançamento recente da tradução da obra de Jean de Joinville no Brasil, nenhum trabalho havia utilizado o texto traduzido até o momento.

Dessa forma, o presente trabalho busca trazer uma nova visão para um tema que foi constantemente estudado majoritariamente por seus conterrâneos, mas pouco estudado por brasileiros. Assim, a produção de uma pesquisa sobre um tema tradicionalmente francês, mas a partir do ponto de vista de uma estudante brasileira pode trazer questões ainda não debatidas, principalmente em língua portuguesa.

Durante a leitura da fonte foi possível perceber como a obra se destinava a exaltar Luís IX como santo. Em todas as partes do livro o autor buscava mostrar como ele havia sido um bom rei, um bom cristão e um bom cavaleiro. De certa forma, Jean de Joinville estava criando uma representação de Luís IX como rei santo. Sua obra foi entregue a família real, portanto, essa construção estava destinada a um público específico. Com isso, surge o questionamento: qual é a intencionalidade por trás da escrita da *Histoire de Saint Louis* e da criação de uma representação de Luís IX como modelo de rei santo?

Os rumos da pesquisa mudaram quando percebi o contexto histórico conturbado que a França vivia quando a obra foi escrita. Alguns trechos da fonte chamavam a atenção durante a

¹ A paginação utilizada para referenciar esta obra diz respeito a edição traduzida para o português, e não ao original.

leitura, pois pareciam refletir a relação conturbada que a França tinha com o papado no início do século XIV, durante o reinado de Filipe, o Belo. Além disso, as datas correspondiam com o momento da encomenda e da escrita do livro.

O objetivo do trabalho torna-se entender se o contexto histórico em que a obra foi encomendada influencia na escrita do autor. E a partir disso, objetivo principal torna-se buscar compreender a intencionalidade por trás da obra e a relação de tudo isso com os conflitos de Filipe, o Belo com o papado. Ademais, o fato de que a obra seria um espelho de príncipes chama a atenção, pois seu objetivo seria mostrar aos príncipes e reis atitudes que devem ser espelhadas por eles durante seus reinados. Assim, tornava-se necessário assimilar o que é um espelho de príncipes e compreender se esse livro realmente se encaixa nessa definição.

A partir disso surge a hipótese que move essa pesquisa: a *Histoire de Saint Louis* seria uma forma de instruir os futuros reis franceses, visto que Filipe IV (1285-1314) manteve uma relação conturbada com a Igreja Católica. Dessa forma, a representação de Luís IX serviria como um espelho a ser seguido num momento em que o atual rei se desvia dos princípios cristãos.

Para que esses objetivos sejam atingidos, é preciso uma metodologia que ajuda a resolvê-los. Este trabalho tem como aporte teórico principal a História das Representações, que tem como principal representante o historiador francês Roger Chartier. A partir de sua obra *A História Cultural: entre práticas e representações* (2002), discutimos nesse trabalho sobre as representações e o jogo de interesses por trás delas, sendo uma discussão essencial para compreender a intenção por trás da obra. Além disso, a história crítica também é importante para este trabalho, principalmente no momento de analisarmos a fonte. A principal obra utilizada é *Apologia da História* (2002) do historiador francês Marc Bloch. A partir dela compreendemos que é preciso pensar o contexto histórico em que a obra foi produzida para entendê-la.

Assim, unindo esses dois autores e suas obras, buscamos compreender como a representação de Luís IX como um modelo de rei santo está permeada por interesses, assim como a intencionalidade da escrita da obra. Além disso, esse livro também possui uma grande ligação com o contexto histórico em que foi produzido, o que influencia os interesses e a intencionalidade que buscamos compreender com essa pesquisa.

Esse trabalho está dividido em quatro partes principais. Primeiramente, esta introdução, que busca apresentar o que será encontrado ao longo da leitura desse texto, além de apresentar o tema, o problema de pesquisa e os seus objetivos, a hipótese e a metodologia.

O primeiro capítulo, intitulado “A intencionalidade por trás da construção de uma representação de Luís IX”, apresenta a história de Luís IX e sua trajetória como rei francês e, posteriormente, sua canonização. Também apresenta a fonte que será utilizada no trabalho e o seu autor. Além disso, desenvolve uma discussão importante sobre os espelhos de príncipes e as hagiografias, buscando compreender como a fonte desse trabalho se enquadra nesses conceitos. Em seguida, apresenta-se a metodologia que guia esse trabalho. Neste capítulo discutimos a concepção de representação e como ela está ligada a uma disputa de poder por trás da criação e da sua difusão.

O segundo capítulo, intitulado “*Histoire de Saint Louis*: entre o passado e o presente da França” apresenta o contexto histórico em que a obra foi escrita e desenvolve as hipóteses que guiam o trabalho. A partir disso, é feita uma análise dos trechos da fonte que buscam responder diretamente a essas hipóteses. Em seguida, é feita uma discussão sobre outros questionamentos que permeiam a pesquisa e complementam a argumentação e a afirmação das hipóteses levantadas.

Por fim, a conclusão desse trabalho busca apresentar os resultados encontrados durante a pesquisa e as respostas que surgiram para os questionamentos levantados. Além disso, também apresenta as limitações durante a pesquisa e novas possibilidades que surgem a partir desse trabalho.

2 A INTENCIONALIDADE POR TRÁS DA CONSTRUÇÃO DE UMA REPRESENTAÇÃO DE LUÍS IX

O reino da França possui uma longa história com a religião cristã. Um dos marcos iniciais dessa relação está no batismo do rei franco Clóvis, no Natal de 496. Gregório de Tours em sua obra *Decem Libri Historiarum* discorre que Clóvis, durante a batalha de Tolbiac contra os alamanos teria invocado a ajuda de Cristo prometendo que, caso seu exército não fosse exterminado, se batizaria (Cândido da Silva, 2008, p. 80-81). Dessa forma, “Clóvis era o primeiro rei ocidental a tornar-se católico” (Cândido da Silva, 2008, p. 85), um marco que tornaria a França um reino extremamente ligado ao catolicismo nos séculos seguintes a esse momento.

A coroação de Carlos Magno no Natal de 800 também é um marco importante para a construção dessa ligação. Vendo a necessidade de encontrar um apoio secular para enfrentar seus inimigos, o papado encontra o que precisa no reino franco. O primeiro passo é a sagração de Pepino, o Breve e seus filhos. Posteriormente, a coroação de Carlos Magno como imperador (Le Goff, 2007, p. 52-53).

Após 801 anos daquele Natal onde Clóvis iniciou oficialmente a relação do reino franco com a Igreja Católica, um dos seus monarcas torna-se santo. Para isso, Carlos Magno já havia estreitado os laços francos com o papado, até que em 1297 Luís IX foi canonizado santo, mostrando que existe uma forma de governar sem se desviar dos valores cristãos, e assim transformando-se em um modelo de rei santo. Uma obra escrita por um senescal, alguns anos após a oficialização de sua santidade, contribui para a representação desse rei como modelo a ser seguido, principalmente para os seus sucessores dinásticos. Essa será a nossa fonte.

2.1 VIDA E MORTE DO REI SANTO

Nascido, provavelmente, em 25 de abril de 1214 em Poissy, na França, Luís é o segundo filho do rei Luís XIII (Le Goff, 1999, p. 35). Com 4 anos de idade se torna herdeiro do trono após a morte de seu irmão mais velho, Filipe, em 1218. Obteve educação tanto religiosa como moral, com fim de cumprir corretamente a função real no futuro. Além disso, Luís teve a oportunidade de conviver com o avô, Filipe Augusto, que deixa as guerras a cargo de seu filho a partir de 1215 para repousar. Dessa maneira, Luís IX é o primeiro rei francês que conhece e

convive com o avô, onde, de certa forma, começa a aprender o ofício real. No dia 14 de julho de 1223 falece Filipe Augusto, aos 57 anos de idade. Em três anos, Luís VIII terá o mesmo fim que o pai, tornando aos 12 anos Luís IX o rei da França (Le Goff, 1999, 39-43).

Em janeiro de 1226, Luís VIII decide ir à luta contra o conde de Toulouse, considerado protetor dos hereges. No fim do mesmo mês é tomado por uma disenteria que piorou rapidamente, anunciando a sua morte, aos 38 anos. Por estar dentro do seu próprio reino, nada foi previsto para a sucessão real caso o rei falecesse nesse empreendimento. Dessa forma, com o herdeiro menor de idade a incerteza toma conta. O rei moribundo chama a seus aposentos pessoas importantes, ao total vinte e seis, onde

Fez-lhes prometer, uma vez que ia morrer, que prestariam em pessoa homenagem e fê a seu filho Luís (ou, se ele viesse a desaparecer, ao imediatamente posterior a ele, Roberto) e fazer com que fosse coroado rei o mais rapidamente possível. É a única decisão de Luís VIII que se apoia sobre um **documento irrefutável**. (Le Goff, 1999, p. 79, grifo nosso).

Nesse trecho, ao citar a existência de um “documento irrefutável”, Le Goff busca demonstrar como essa decisão de Luís VIII foi testemunhada por um grande número de pessoas. Além disso, teria sido registrada, como por exemplo, em uma obra do cronista Philippe Mousket, intitulada *Chronique rimée*, que o próprio historiador cita após essa afirmação. Entretanto, o que a expressão acaba demonstrando é, na verdade, o contrário de algo muito debatido e criticado pela historiografia, que “[...] os testemunhos mais insuspeitos em sua proveniência declarada não são, necessariamente, por isso, testemunhos verídicos.” (Bloch, 2002, p. 97), afastando-se do que conhecemos como história crítica.

Ademais, para o rei que se encontrava a beira da morte, a preocupação era de que a sucessão real se cumprisse e o trono fosse passado a seu filho, e não a outros homens da família que fossem maiores de idade e estivessem na linha de sucessão. Entretanto, essas palavras não deixam claro como, ou melhor, quem governaria em nome do menino rei até a sua maioridade. Após a morte do rei e dos ritos fúnebres “[...] percebe-se que a tutela do jovem rei e do reino tinha passado para as mãos da viúva de Luís VIII, Branca de Castela, então com 38 anos.” (Le Goff, 1999, p.81). Não se sabe exatamente qual o foi o critério utilizado para esta escolha, mas com certeza ela influenciaria e muito nas ações do novo rei e, conseqüentemente, no reino francês.

A sagração de Luís, que ocorre aos 12 anos, detém um significado muito importante, tanto para a garantia da sucessão real como também para a sua posterior canonização. Como Le Goff (1999, p. 90) aponta, não existem relatos sobre a sua sagração em específico, dessa maneira não é possível entender a ordem litúrgica que presidiu esse momento e os detalhes

específicos dessa cerimônia. Entretanto é a partir de relatos de outras sagrações da monarquia francesa, principalmente o de Filipe I (1060-1108), que é possível entender como o rito acontecia e seus aspectos sagrados e religiosos (Le Goff, 1999, p. 733).

Primeiramente, a sagração faz com que o rei possua uma ligação especial com a Igreja Católica, a partir da unção real com o santo crisma, óleo que se crê ter sido enviado pelo Espírito Santo para o batismo de Clóvis. Ainda, ao rei também é imposto as insígnias reais, que também contribuem com a sacralização do momento. Após isso, “o rei é de agora em diante o intermediário sagrado entre Deus e seu povo. Por ele, por seu corpo ungido passam a proteção divina, a inspiração divina.” (Le Goff, 1999, p. 735). Apenas após esses dois momentos sagrados, o rei é efetivamente coroado e entronado, tomando o seu lugar.

A sagração de Luís IX possui alguns pontos importantes, destacados por Jacques Le Goff (1999, p. 90-1): primeiramente, a rapidez com que foi realizada. Apenas 14 dias após o enterro do pai, o filho tornava-se rei da França. O fato do novo rei ser uma criança pode justificar a pressa em legitimar sua realeza, para evitar assim uma futura usurpação ou disputa pelo trono francês. Além disso, Luís ainda não havia sido feito cavaleiro, algo que acontece, na maioria dos casos, bem antes do herdeiro se tornar rei. Isso foi resolvido no meio do caminho de Paris para Reims, onde em uma parada em Soissons acontece a investidura, de forma que ao chegar lá o menino já seria cavaleiro. Por último, Le Goff destaca a ausência “[...] da nata da sociedade, tanto eclesiástica como leiga.” (Le Goff, 1999, p. 91). Isso pode ser explicado, de certa maneira, pela pressa com que a cerimônia foi organizada. Questões políticas podem estar ligadas a essa lacuna, visto que muitos desses homens importantes não se sentiam dispostos a participar de uma cerimônia com um rei menor de idade. Ademais, para a mãe, uma mulher viúva, vinda de fora reino e que se tornará regente do rei da França, essas ausências podem ter sido um alívio, ou quem sabe uma estratégia. Dessa maneira, isso acaba evitando contestações e disputas que poderiam surgir, tornando-se uma solução para a situação. Nesse momento, diferentemente de quando Luís VIII precisava assegurar a sucessão real, os testemunhos já não importam tanto, e sim a realização da cerimônia, o que pode justificar a pressa e a falta de preocupação com a presença de certos convidados.

Após a sagração inicia-se o reinado de Luís IX. Inicialmente, a mãe Branca de Castela participa como regente, ao lado do menino. Isso deveria ocorrer apenas até que a maioridade seja atingida, que naquele momento ainda não era claramente definida². Dessa forma, ignora-

² Somente em 1374 será fixada a maioridade para os reis franceses em 14 anos, por Carlos V. (Le Goff, 1999, p. 88)

se o momento em que o reino passa a ser governado apenas por Luís. Isso acontece por diversos motivos. Le Goff (1999, p. 119) aponta que “Branca de Castela governou tão bem durante a juventude do filho e tomou, parece, um tal gosto pelo poder, que, na realidade não apenas com o apoio de seus conselheiros, mas com o assentimento dos grandes, prolongou a tutela sobre o filho e sobre o reino.”. Assim, mesmo que poucos anos após a sagração do menino rei ele já teria idade suficiente para governar sozinho, a figura da mãe permanece a seu lado até o fim da vida de Branca.

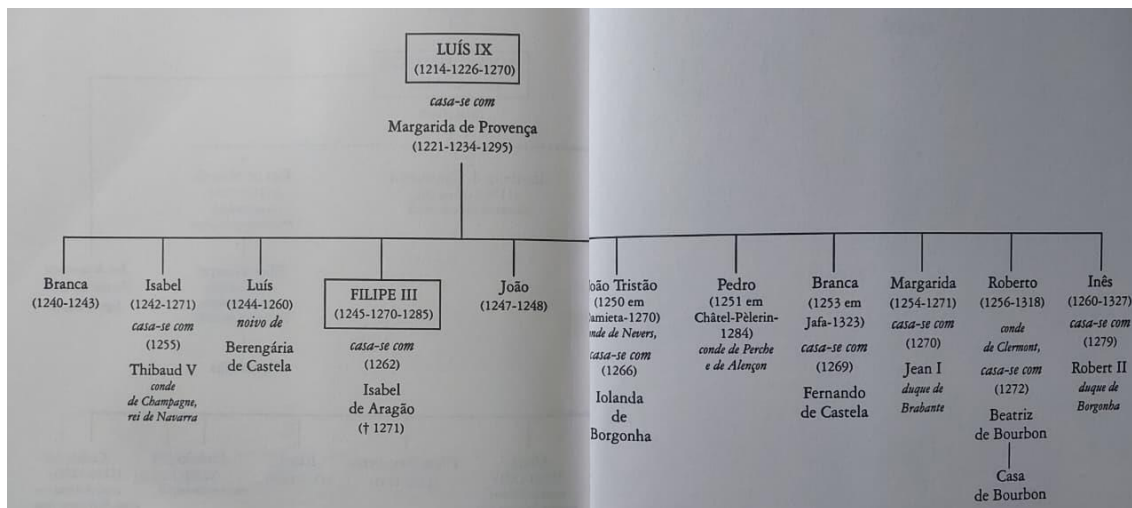
Importante salientar que parte desse apoio de Branca de Castela pode ter surgido a partir das pessoas ligadas ao seu falecido marido e não necessariamente dela mesma. Isso pode ocorrer pois se trata de uma mulher estrangeira e viúva, que foi alvo de rumores sobre a sua conduta e também de críticas pela sua forma de reger a França, ou seja, que teria dificuldades para garantir apoiadores. Apesar dessas condições, o casamento de Luís IX com Margarida de Provença em 1234 é visto como um momento de transição, onde o rei passa a governar majoritariamente sozinho. Entretanto, mesmo assim “[...] o nome de sua mãe continua a figurar num mesmo plano, em relação ao dele, em muitos atos oficiais.” (Le Goff, 1999, p. 632). Desse modo, como Le Goff (1999, p. 633) aponta, “Na verdade, jamais deixou os negócios do reino.” Desse modo, tanto por conta da indefinição da maioria quanto pela participação contínua de Branca de Castela em seu reinado, não é possível definir o momento em que Luís IX governa totalmente sozinho. Esses aspectos criam, como Le Goff aponta, uma espécie de “co-realeza” entre a mãe e o filho, que será vista em outros momentos do reinado de Luís até a morte de Branca, sendo outro motivo para que essa transição seja ignorada.

Retomando o matrimônio de Luís e Margarida, a decisão do casamento é, assim como qualquer outro casamento do período, puramente por conveniência política, como é citado por Guillaume de Nangis em sua obra *Vie de Saint Louis*, escrita para o processo de canonização: “No ano da graça de Nosso Senhor de 1234, oitavo ano do reinado do rei São Luís e décimo nono de sua idade, ele desejou ter um fruto de seu corpo que mantivesse o reino depois dele e quis se casar não por causa da luxúria mas para procriar uma linhagem.” (Nangis *apud* Le Goff, 1999, p. 120). Com 20 anos, Luís precisa casar-se e garantir a perpetuação da dinastia através de um herdeiro. A mulher escolhida é a filha mais velha do conde de Provença. Através dessa união, o jovem rei garante influência em uma região importante para o reinado, unindo o útil ao agradável, procurando garantir além de herdeiros uma intervenção mais direta onde era necessário. Entretanto, o que é destacado é o fato de o rei francês entrar neste casamento apenas pela necessidade de procriação, encarando essa tarefa não pela luxúria, mas sim pela necessidade criada por sua posição social. Importante salientar que esse texto foi escrito durante

o processo de canonização. Apesar de não ter uma datação precisa, acredita-se que tenha sido escrito entre 1285 e 1297 (Le Goff, 1999, p. 312). Sendo assim, destacar que o rei se casou por necessidade e não por luxúria em uma obra escrita nesse período pode significar que o autor buscava criar uma representação de Luís como um rei cristão humilde e que cumpre com seus deveres (neste caso, procriar), apesar da sua posição social e sua riqueza.

Para um rei que se preocupa em garantir o seguimento dos seus, a demora por um herdeiro pode ser angustiante. A jovem rainha demora seis anos para gestar e, inicialmente, nascem duas meninas entre 1240 e 1242, Branca e Isabel, respectivamente. Apesar disso, logo nascem três meninos, sendo Luís nascido em 1244, Filipe no ano seguinte, em 1245 e João em 1248, que acaba falecendo ainda bebê. Agora sim, após onze anos de matrimônio a realeza pode respirar tranquila, pois Luís IX consegue dois filhos para serem seus herdeiros. Por fim, o casal terá ao longo de sua vida o total de onze filhos, inclusive alguns nascidos no Oriente, durante a 7ª cruzada. Sete permanecem vivos até o momento da morte do pai, e entre esses, quatro eram homens que poderiam assumir o trono francês.

Imagem 1- Filhos de Luís IX e Margarida de Provença



Fonte: Le Goff, *São Luís – Biografia*. Rio de Janeiro, Record, 1999. p. 866-867

Luís IX, em dezembro de 1244, fica doente, como Le Goff aponta, provavelmente de disenteria. A situação piora e teme-se pela vida do rei. É a partir desse momento de sofrimento que uma mudança se inicia na vida do rei, tendo como ponto inicial o voto de cruzado, como Jean de Joinville narra a ocasião em que este é feito: “[...] Nosso Senhor operou nele e lhe enviou de imediato a saúde, pois havia perdido o uso da palavra e não podia expressar-se. Solicitou que se lhe desse a cruz, o que foi feito.” (Jean de Joinville, 2022, p. 47-8). Dessa

forma, pedindo a cruz em seu leito, Luís IX torna-se cruzado. Como Le Goff (1999, p. 146) traz em sua obra, “Acreditava que durante sua doença o rei tenha tido uma visão que lhe dissera: ‘Porque longamente meu espírito esteve além-mar, e lá irá este meu Corpo, se Deus o deseja, e conquistará a terra sobre os sarracenos...’”. Entretanto, Luís IX torna-se um cruzado em um momento em que a conquista de Jerusalém já não é mais bem vista como nos seus anos iniciais. Os cristãos enxergam cada vez mais um movimento interno a ser feito para se buscar a conversão, que contrasta com a longa jornada até Jerusalém, buscando indulgências e tentando converter as populações pagãs que encontrarem no caminho (Le Goff, 1999, p. 147).

Entretanto, para o rei isso não importa. “Para Luís, levando ao extremo a fé que lhe foi inculcada, a cruzada é o coroamento do modo de agir de um príncipe cristão. [...] Para ele, a tradição da cruzada não é coisa ultrapassada. A Jerusalém terrestre é sempre desejável.” (Le Goff, 1999, p. 149). Assim sendo, como rei francês e como rei cristão, mesmo que este não seja o desejo da maioria, Luís IX se organiza e parte para o Oriente, da mesma forma que partiria para um dia se tornar São Luís. É neste momento que entra na história Jean de Joinville, que seguirá o rei Luís nessa jornada para Jerusalém, assunto que será melhor discorrido em seguida. Luís IX deixa o comando do reino sob as mãos de sua mãe, Branca de Castela, que por muito tempo governou ao seu lado. A partida para o Oriente ocorre pela primeira vez do território francês, a partir de Aigues-Mortes, no dia 25 de agosto de 1248. Após meses difíceis no mar, o desembarque acontece perto de Damietta, no Egito. Logo a cidade é tomada, em 5 de junho de 1249 (Le Goff, 1999, p. 172-3). Ao lutar com os muçulmanos percebe-se que estes eram grandes estrategistas e guerreiros. Por muitas vezes os cristãos foram derrotados. A sua maior vitória foi em 9 de fevereiro de 1250, na batalha de Mansurá. Abatidos pelas perdas e pelas doenças, logo após sua maior vitória, os cruzados são mais uma vez esmagados, tendo o seu rei feito prisioneiro, em 6 de abril de 1250. O pagamento pedido pelos sarracenos foi feito de forma rápida, fazendo com que o cativo de Luís fosse de apenas um mês. Mesmo após todos esses desafios, o rei decide continuar na Terra Santa, diferente de outros reis cruzados, que não permaneceram mais do que dois anos. (Le Goff, 1999, p. 175-177).

A jornada no Oriente do rei cristão é interrompida pela notícia da morte de sua mãe, que havia falecido em 27 de novembro de 1252. Vive o luto por alguns dias e decide voltar à França, cuidar pessoalmente de seu reino. Deixa instruções para os que ficaram, é preciso resistir o máximo possível. O rei embarca de volta ao continente europeu. (Le Goff, 1999, p. 189). Ali, Luís esperava pelo menos converter algumas comunidades, em especial muçulmanas, mas nenhum desses objetivos são conquistados. Isso faz com que o rei retorne a Paris, mas já pensando em voltar para o Oriente.

O retorno à França mostra um rei novo. Carregando a culpa da derrota na cruzada, Luís IX decide que não é preciso apenas a sua salvação, mas também a de seu povo. Toma várias medidas reformistas, visando combater os maus costumes dentro do reino, além de promover a justiça e a caridade, principalmente em instituições ligadas à Igreja.

Luís quer realizar essa política cristão ideal, que não inventou, cuja execução lhe parece um imperativo de sua função. Será o resgate da derrota na cruzada. Seu reino deve ser salvo, também de corpo e alma, e sua própria salvação depende senão do sucesso desse programa político pelo menos de seu engajamento sem reservas em sua execução. (Le Goff, 1999, p. 199)

Essa é a nova forma com que o rei cristão decide conduzir o reino, não apenas pensando em um bom governo, mas também em seguir os ideais cristãos e garantir a si e ao seu povo a glória eterna. Isso desperta uma nova face no rei: o pacifista. Luís IX torna-se um mediador de conflitos dentro e fora de seu reino, buscando soluções que afastem as comunidades do conflito. “A maior ação de paz de Luís IX abrangendo o reino da França foi a regulamentação do conflito secular com a Inglaterra.” (Le Goff, 1999, p. 231). A partir do Tratado de Paris (1259) as mulheres de Luís IX e Henrique III, que eram irmãs, podem voltar a conviver. A paz se fez não só no campo político, mas também familiar.

Entretanto, mesmo dedicado a seu reino, a Terra Santa não saiu dos planos de Luís IX. Em 1267 ele decidiu retornar ao Oriente. Dessa vez escolheu Túnis como destino, por acreditar ser muito mais perto do Egito do que realmente é. A partida é marcada para 1270 e acontece em 14 de março. Luís IX planejava, a partir de alguns boatos da conversão de um mestre muçulmano, converter o sultão local, conseguindo assim converter toda a sua população. Dessa forma, a cruzada também seria um grande ato de conversão, e não só de expedição militar (Le Goff, 1999, p. 260). O desembarque acontece, mas a conversão do emir muçulmano, não. Logo as doenças atacam os cruzados, inclusive o rei. Em 25 de agosto de 1270 o rei Luís IX não resiste e morre.

Após a morte de Luís IX uma percepção surge entre aqueles que estavam em Túnis: este teve uma vida santa, portanto, temos conosco as relíquias de um santo. Tanto que seu corpo é dividido em dois pelo seu filho, Filipe III, e pelo seu irmão, Carlos d’Anjou. O filho fica com a ossada enquanto seu tio fica com as entranhas. (Le Goff, 1999, p. 267). Seus restos mortais teriam gerado milagres durante a viagem de volta, durante sua chegada à Paris e, essencialmente, no seu túmulo em Saint-Denis. (Le Goff, 1999, p. 749). Após isso, inicia-se o processo de canonização, que terminará em 1297 durante o papado de Bonifácio VIII. Neste período, quem reinava era Filipe, o Belo (1285-1314), neto de Luís IX. Este contribui para a formação do culto ao seu santo avô, fundando capelas e igrejas em sua homenagem,

Quando o rei se torna cruzado, Jean de Joinville decide se juntar a ele nesta jornada em 1248. Entretanto, ele não é o primeiro de sua família a fazer isso, que possui um longo histórico de participações em cruzadas anteriores. Parte com cerca de nove cavaleiros e setecentos homens rumo a Chipre e após isso, para Damietta (Branco, 2011, p. 21).

Durante a sétima cruzada (1248-1254) o rei e o senescal se aproximam, fator essencial para que, no futuro, nossa fonte seja escrita. Jean de Joinville fica ao lado do rei durante as batalhas e também no período em que o rei permanece no Oriente. Volta para a França junto com o rei em 1254, onde apesar de possuir seus próprios domínios, continua a passar bastante tempo junto com Luís IX. O desejo de voltar ao Oriente continua e uma nova cruzada é organizada. Entretanto, dessa vez o escritor não parte junto do rei, decide ficar em solo francês. Assim, acaba não presenciando os detalhes da viagem e da morte do rei da mesma forma com que presenciou outros momentos no passado. Esse será um ponto importante em sua obra, pois as informações sobre a oitava cruzada (1270) são rasas em seu livro, já que o autor prefere não se aprofundar em algo que não presenciou.

O senescal nutria uma proximidade com a família real francesa, que aparentemente perdurou após a morte do rei. Le Goff (1999, p. 420) nos informa que Jean de Joinville viveu por diversos períodos na intimidade do palácio real de Paris, além de se informar diretamente com Pierre de Alençon³, filho do rei, sobre as circunstâncias da morte de seu pai. Isso fica explícito quando o próprio autor menciona em sua obra que

Eu não assisti aos últimos momentos da sua vida, mas o conde Pierre de Alençon, seu filho, **que tinha muita afeição por mim**, esteve presente e me relatou o belo fim que teve o rei, fim este que encontrareis narrado por escrito no final deste livro. (Jean de Joinville, 2022, p. 10, grifo nosso)

Neste trecho, o escritor destaca o fato de que o filho do santo rei mantinha uma afeição por ele. Isso demonstra que a proximidade do senescal com a realeza francesa foi importante para a construção da sua obra e para garantir autoridade ao texto perante seu público alvo.

Ademais, ao falar sobre um dos tantos momentos em que Deus teria ajudado os cruzados, durante a narrativa, Jean de Joinville cita um detalhe interessante: “ E eu a vi novamente em São Nicolau **quando levamos a irmã do rei para Hagenau, ao rei da Alemanha.**” (Jean de Joinville, 2022, p. 217, grifo nosso). A nota de rodapé deixada pelo editor revela que o autor levou Branca da França, irmã do rei Filipe o Belo, até a Alemanha para casar-se com o filho do Imperador Alberto I, Rodolfo da Boêmia. Isto teria acontecido em 1300. Ou seja, Jean de

³ Na tradução da obra *São Luís – Biografia*, de Jacques Le Goff, Pierre de Alençon é traduzido apenas para Pedro. Decidimos por manter em francês, como está na fonte, para manter a coerência e facilitar a leitura.

Joinville alimentou uma proximidade não só com os filhos do rei Luís IX, mas também com seus netos.

Além disso, o pai de Joana I de Navarra, Henrique I de Navarra, foi conde de Champanhe a partir de 1270. Isso acontece pois seu pai Teobaldo I de Navarra acompanha o rei Luís IX para a 8ª cruzada. Teobaldo morre na viagem de volta. Relembrando, o condado de Champanhe era aquele em que Jean de Joinville era senescal. Ou seja, a rainha era filha do conde que foi, por um breve período, o superior do senescal.

Ao casar-se com o rei da França, Joana de Navarra torna o condado de Champanhe território oficial do reino. Portanto, Jean de Joinville torna-se seu subordinado. Isso pode explicar, em parte, o motivo de tamanha proximidade com a família real.

Em concordância, uma encomenda vinda diretamente da rainha da França para a escrita de um livro já é um sinal de proximidade entre o autor e a família do personagem a ter a vida narrada. Visto que a conclusão da obra se deu em 1309, sua encomenda e seu início se deram, ao menos, em 1305, ano em que a rainha falece. Ou seja, poucos anos depois do acontecimento narrado anteriormente. Isso demonstra, portanto, que o senescal estava próximo aos membros da família real quando a obra foi encomendada.

Os vinte e sete anos que separaram a morte de Luís IX e a sua santificação como São Luís foram conturbados na Igreja Católica.

O que marca esse longo período são as mortes de papas que ficam pouco tempo no trono pontifício (é preciso muitas vezes retomar o processo desde as fases anteriores, às vezes muito distantes, depois da morte de um papa) e a alternância de papas favoráveis e de papas mais mornos, que deixam a documentação dormir. (Le Goff, 1999, p. 270)

O processo de canonização tinha se tornado algo complexo, necessitando tanto de uma ampla documentação para provar os milagres e as boas condutas da pessoa a ser canonizada, quanto de grupos que fizessem pressão para que o processo continuasse. (Le Goff, 1999, 270). Nesse processo, pessoas próximas ao rei foram chamadas para dar depoimento sobre as condutas de Luís IX, entre elas Jean de Joinville, como ele mesmo cita em seu livro:

[...] por diligência do rei da França e por ordem do papa, veio o arcebispo de Rouen e o frade João de Samois, que depois foi bispo; eles vieram para Saint-Denis na França, e lá permaneceram muito tempo para fazer uma investigação sobre a vida, obras e milagres do santo rei. **E me disseram para ir até eles, e detiveram-me por dois dias. E depois de terem feito o inquérito sobre mim e os outros, o que encontraram foi levado à corte de Roma.** (Jean de Joinville, 2022, p. 253, grifo nosso)

Nesse contexto, várias obras são escritas visando contribuir para o processo de canonização. Muitas são escritas por religiosos, que buscam nessas obras enfatizar sua vida religiosa e seus milagres.

O papa que colocou um ponto final nesse processo foi Bonifácio VIII, em 1297, já durante o reinado de Filipe, o Belo, que governava a França desde 1285. Poucos anos depois surgiria um conflito entre o papa e o rei francês, sendo que Filipe seria excomungado em 1303. Após a morte de Bonifácio VIII, o papado passa a ter sede em Avignon, na França, a partir de 1309.

Neste contexto surge uma nova obra, escrita por Jean de Joinville, a *Histoire de Saint Louis*, a fonte utilizada neste trabalho. Esta foi encomendada por Joana de Navarra (1270-1305), justamente esposa de Filipe, o Belo, que não teve tempo de vida o suficiente para ler, pois falece antes da finalização do manuscrito. O exemplar original foi entregue a seu filho, Luís, em 1309, ano de conclusão da obra. Em 1314, Luís torna-se rei da França, retomando o nome Luís de seu bisavô, agora santo. Dessa maneira, a escrita da obra se relaciona, de certa maneira, com a canonização de Luís IX e da necessidade de se criar uma representação desse rei que agora é oficialmente santo.

Em sua dissertação de mestrado, Marília Pugliese Branco (2011) compila informações sobre os manuscritos desse livro através das obras de Jacques Monfrin, Natalis de Wailly e Henry-François Delaborde, autores que pesquisaram sobre o tema. Três principais manuscritos foram encontrados, sendo que um deles corresponde a uma cópia do exemplar entregue a Luís X por Jean de Joinville. Esse manuscrito estava guardado na livraria real, mas em esquecimento. Foi encontrado em 1424. Alguns anos depois, entre 1467 e 1487, esse exemplar foi transportado juntamente com outros livros para Bruxelas e guardado em um cofre. Ele foi encontrado quando as tropas francesas tomaram Bruxelas em 1746 (Branco, 2011, p. 12). Pesquisas datam esse manuscrito entre 1330 e 1340. Seria o exemplar mais antigo e mais próximo do original. Se encontra atualmente na Biblioteca Nacional da França, Departamento de Manuscritos, sob o número 13568.⁴

O exemplar utilizado nesta pesquisa se trata de uma edição traduzida para o português sob o título de *O santo das cruzadas: São Luís Rei da França*, distribuído pela editora gaúcha Minha Biblioteca Católica desde 2022. A tradução foi realizada por William Bottazzini Rezende a partir da edição traduzida para o francês moderno e comentada por Jacques Monfrin, intitulada como *Vie de Saint Louis*, publicada em 1995, em Paris, pela editora Classiques Garnier. Essa edição possui ilustrações de um dos originais, além de possuir uma boa parte de suas páginas dedicadas a reflexões sobre a tradução, outras edições e outros estudos ligados ao tema. Entretanto, a edição traduzida para o português utiliza apenas a parte que Monfrin traduz para

⁴ Este manuscrito está digitalizado e pode ser acessado pelo link <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8447868p.r=Jean%20de%20Joinville?rk=21459;2>

o francês moderno, ou seja, não traduz nenhuma outra parte a não ser a da obra original e as notas de rodapé ligadas a esse texto.

Desta forma, a edição possui não só notas de rodapé explicativas oriundas da edição de Jacques Monfrin, mas também notas do tradutor e do editor brasileiros, que contribuem para a compreensão do texto, visto que essa tradução para o português está destinada a um público católico em geral que busca se espelhar na vida de Luís IX.

O autor divide seu livro em três partes. A primeira é um breve prólogo onde Joinville se dirige diretamente ao herdeiro do reino, explicando a encomenda de sua mãe:

Caro senhor, informo-vos que a senhora rainha, vossa mãe, que muito me amava – que Deus lhe conceda um bom perdão – pediu-me com toda a insistência que pôde que fizesse com que lhe fosse escrito um livro sobre as santas palavras e as boas ações do nosso santo rei Luís; comprometi-me com essa tarefa e, com auxílio de Deus, o livro está concluído em duas partes. (Jean de Joinville, 2022, p. 9)

No início do prólogo o escritor já deixa claro como sua obra está dividida, sendo uma parte inicial dedicada as boas condutas e palavras de Luís IX, mais especificamente ligadas à religião e à Igreja. Na segunda parte o autor se dedica a mostrar os bons feitos do rei agora como cavaleiro. Seguindo o prólogo, ao falar sobre a segunda parte do livro, Jean de Joinville já adianta alguns acontecimentos narrados, mostrando quatro vezes em que o rei francês teria se exposto a morte em prol de seus súditos. Ao final, ele retoma a parte inicial do prólogo e reforça a dedicatória da obra, deixando claro ao leitor, neste caso Luís X, que este livro foi escrito para que os bons exemplos de Luís IX possam ser colhidos e bem aproveitados.

Importante salientar um detalhe da citação anterior, onde Jean de Joinville intitula Luís IX como “nosso santo rei Luís”. No momento em que a escrita da obra se inicia, a canonização já havia ocorrido. Entretanto, os acontecimentos narrados na obra se referem ao período em o rei ainda era apenas um rei, sem o título de santo. Sendo assim, já no prólogo da sua obra, o autor mostra como, apesar de estar escrevendo sobre um momento passado, o presente influencia na forma como ele enxerga o que já aconteceu e como isso será descrito em sua obra. Ou seja, a canonização pode ter influenciado na forma como o escritor fala sobre o passado do rei, pois já sabendo que no futuro este será santo, a escolha do que será incluído na obra deve reforçar essa santidade, e não a contrariar. Essa percepção será importante para compreender como a representação de um modelo de rei santo surge na obra do senescal.

A primeira parte intitula-se “As santas palavras”, onde o autor compila várias histórias diferentes que envolvem o rei francês e que demonstram a sua boa conduta. “[...] fiz com que fosse escrito em primeiro lugar aquilo que se refere às três coisas sobreditas, a saber, aquilo que se refere ao benefício da alma e do corpo e aquilo que se refere ao governo do povo.” (Jean de

Joinville, 2022, p. 10). Ou seja, esta parte está dedicada a mostrar como Luís IX foi um bom rei e um bom cristão.

Por vezes Jean de Joinville participa do fato e escreve a partir do seu ponto de vista, como por exemplo as conversas que manteve com o rei que renderam diversos conselhos. Em outros momentos, presencia o fato e o narra, tirando sempre alguma lição do ocorrido. Ainda, o senescal também observa algumas condutas do rei e as descreve, não necessariamente ligadas a um acontecimento. Por exemplo quando discorre sobre as humildes vestes do rei. Apesar de não se estender tanto como na segunda parte do livro, esta primeira consegue lidar com vários temas, como a justiça, a paz, a humildade, o temor a Deus e a crença nos sacramentos da Igreja Católica.

Na segunda parte, que recebe o título de “Bons feitos”, Jean de Joinville muda a forma de escrita e passa a narrar de forma mais cronológica os acontecimentos. “A segunda parte vos falará dos seus grandes feitos de cavaleiro e das suas grandes audácias [...]” (Jean de Joinville, 2022, p. 10). Então, aqui o autor se concentrará em mostrar como o rei também foi um ótimo cavaleiro e guerreiro, descrevendo os momentos em que isso se destaca.

Apesar de que personagem e autor só viverão juntos a partir da ida para a 7ª Cruzada (1248-1254), a segunda parte se inicia com o nascimento do rei e segue, descrevendo alguns momentos do período de regência de Branca de Castela e do período inicial do reinado de Luís IX, principalmente conflitos em que o rei atuou como mediador, promovendo a paz e a justiça.

Em seguida, a obra continua falando sobre o período no Oriente, agora tendo o próprio autor como testemunha dos fatos que descreve, o que torna essa a maior parte do livro. Ele também discorre sobre o retorno à França e a conduta do rei nesse período. Continuando, a 8ª cruzada (1270) e a morte do rei são descritas, mas de forma muito simples e direta, a partir das informações que o autor obteve sobre esses momentos, já que não os presenciou. Antes de terminar sua obra, Jean de Joinville fala sobre o processo de canonização, do testamento deixado ao filho do rei e de um sonho onde este teria visto o rei santo.

Importante salientar que, apesar de ser uma parte da obra que se dedica a uma construção cronológica da vida do rei, os elogios a sua conduta continuam presentes na escrita do autor. Essa característica se manifesta a partir da narração de momentos em que o rei apresentou uma boa conduta, não só como cristão, mas também como rei e guerreiro.

2.3 *HISTOIRE DE SAINT LOUIS* E A INTENCIONALIDADE POR TRÁS DE SUA ESCRITA

Apesar de que a obra de Jean de Joinville construa uma narrativa que tem como aspecto principal a vida de um personagem e um elogio à conduta deste, que no momento da escrita já

é santificado, seu livro não é necessariamente uma hagiografia, apesar da semelhança com o discurso hagiográfico. Segundo Cristina Sobral (2005, p. 98) existem alguns traços importantes que distinguem uma hagiografia, podendo ser classificados como textuais e extratextuais. Primeiramente, os elementos extratextuais se referem a intencionalidade e a funcionalidade do texto, que devem estar ligadas a promoção do culto deste santo ou a edificação a partir da vida deste. Em seguida, os elementos textuais se mostram mais específicos, onde a autora cita a enumeração de virtudes, a intertextualidade bíblica e litúrgica, além da atemporalidade da narrativa.

Ao lermos a obra de Jean de Joinville, é possível encontrar alguma relação com os elementos citados por Sobral (2005), mas não de forma completa. Os elementos textuais que a autora portuguesa apresenta não são encontrados na escrita do senescal, pois esta cria um discurso cronológico, onde a enumeração das virtudes de São Luís são um complemento ao texto e não o seu guia. Além disso, não existe uma relação com o texto bíblico ou litúrgico na obra. Vale lembrar que o autor de nossa fonte, apesar de possuir uma certa religiosidade, é um homem leigo medieval, que provavelmente não detém um conhecimento vasto sobre a Bíblia Sagrada⁵.

Ademais, Sobral (2005, p. 101) aponta uma estrutura narrativa que permeia a maioria dos textos considerados hagiográficos. A autora mostra que estes textos geralmente possuem quatro unidades: a Infância, a Maturidade, a Morte e o Culto. Apesar de ser uma ordem cronológica da vida de um canonizado, o hagiógrafo tende a recheiar esta narrativa de elementos que maravilham os acontecimentos importantes da vida desse santo, como o nascimento e a morte. Além de que a obra de Jean de Joinville não apresenta uma organização desta maneira, seu discurso parece ser de reproduzir o que presenciou (ou ouviu) com a maior fidelidade possível, como este mesmo escreve no início da primeira parte: “[...]faço escrever a vida do nosso santo rei Luís, aquilo que vi e ouvi durante o espaço de seis anos ao longo dos quais me encontrei na sua companhia na peregrinação de além-mar e após nosso regresso.” (Jean de Joinville, 2022, p. 15). E mais tarde, ao falar sobre a 8ª Cruzada, repete: “Não quero contar ou dizer nada sobre a expedição que ele fez a Túnis, porque eu não estava lá, graças a Deus, e não quero dizer ou colocar nada no meu livro a respeito de que não tenho certeza.” (Jean de Joinville, 2022, p. 248).

⁵ Para maiores informações sobre Jean de Joinville e sua relação com a religiosidade, consultar CARVALHO, Guilherme Beltrão Rosa Marinho. **Joinville e São Luís: Indivíduos e autoria em tempos medievais**. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016

Importante lembrar que esta é uma obra encomendada, e apesar de que o autor diz buscar a maior fidelidade possível para sua escrita, Bloch (2002, p. 89) nos lembra “Que a palavra das testemunhas não deve ser obrigatoriamente digna de crédito, os mais ingênuos dos policiais sabem bem”, pois o contexto e a finalidade em que esse testemunho está inserido interfere no que será lembrado e o que será esquecido de ser mencionado pela testemunha.

A partir destes apontamentos, é possível compreender que a obra *Histoire de Saint Louis*, apesar de algumas semelhanças, não constitui um discurso hagiográfico completo, com todas as suas características. Entretanto, é importante entender melhor o texto e suas intenções para, posteriormente, analisá-lo. Marília Pugliese Branco (2011, p. 36) afirma que a obra “[...] pretende ser uma biografia do rei, um registro historiográfico de seu governo, portanto, uma crônica; um speculum, portanto, uma obra de edificação; e, ainda, um elogio ao santo rei, na qualidade de um relato hagiográfico.” Nesta descrição, surge uma característica importante e que deve ser levada em conta: Jean de Joinville escreve esta obra para edificação de quem a lê, como este mesmo cita:

Agora eu vos digo, monsenhor rei de Navarra, que prometi à minha senhora, a rainha, vossa mãe- que Deus lhe conceda um bom perdão- que faria este livro e, para cumprir minha promessa, eu o fiz. E como não vejo ninguém que tenha tantos títulos para tê-lo quanto vós, que sois o seu herdeiro, **vo-lo envio a fim de que vós, os vossos irmãos e os outros que o lerem possais colher nele bons exemplos e colocar esses exemplos em prática de modo que Deus vos seja grato por isso.** (Jean de Joinville, 2022, p. 13, grifo nosso)

Como André Pereira Miatello (2010, p. 156) aponta: “Os estudiosos costumam chamar de espelhos de príncipes a esse amplo conjunto de obras dirigidas aos governantes com o fito de conformá-los a um modelo previamente concebido”. Analisando o trecho da obra citado anteriormente, é possível perceber que a *Histoire de Saint Louis* preenche essas características. Dado que foi entregue a um herdeiro do trono que pouco tempo depois seria rei, contendo uma série de elogios e descrições de boas atitudes de outro rei, que naquele momento já era santo para a Igreja Católica. Além disso, Miatello (2010, p. 157) demonstra que um espelho de príncipes não está ligado a um gênero textual em específico, mas sim a intencionalidade de seu autor, ao objetivo criado por este. Isso reflete o que Jean de Joinville fala em sua obra, onde este deixa claro que espera que seu texto gere bons exemplos que posteriormente possam ser colocados em prática.

Outro autor, Márcio Ricardo Coelho Muniz (2005) pensa o gênero dos espelhos de príncipe de uma forma diferente. Ele aponta dois elementos primários que podem ser encontrados nesse tipo de texto: a ideia de que um homem sábio se propõe a escrever sobre como construir um bom governo e dedica essa obra a um monarca e a formação da imagem de

um governante perfeito (Muniz, 2005, p. 97). O autor também afirma que, como este não é um gênero textual definido, muitas obras se utilizam desses elementos e temas, possuindo características semelhantes aos espelhos de príncipes. A partir do trecho anteriormente citado e também sobre o que foi discorrido anteriormente sobre a nossa fonte, podemos encontrar nesta esses elementos citados por Muniz (2005). Primeiramente, o fato de que a obra é dedicada a um monarca, neste caso Luís X encaixa perfeitamente com os apontamentos de Muniz. Apesar de que os ensinamentos se referem a Luís IX e não diretamente ao autor, Jean de Joinville foi um meio de colocar em circulação os ensinamentos de São Luís, visto que ele já estava morto a quase quarenta anos quando a obra foi escrita e também canonizado a cerca de doze anos. Além disso, a imagem de um governante perfeito pode ser facilmente encontrada na narrativa escrita pelo senescal de Champanhe, apesar de que este não deixa explícito no texto essa intenção.

Podemos compreender então, que este texto se aproxima mais do gênero *specula principum*, por estar voltada a edificação a partir do testemunho da vida de um rei. Inclusive, também se tornou santo, o que justifica a presença de elementos hagiográficos na obra, visto que não se pode dissociar este elemento da imagem de Luís IX, ainda mais após a sua canonização.

Entendendo que nossa fonte é um espelho de príncipes, algumas características desse gênero são importantes para a análise da fonte. A intencionalidade da escrita de Jean de Joinville é um deles. Esta obra foi escrita cerca de 12 anos após a canonização de Luís IX, sendo que ela foi encomendada por um membro da família real e foi escrita por uma pessoa que possuía uma enorme admiração pelo personagem principal. Ademais, também conviveu com ele de forma próxima por muitos anos. Ainda, esta é uma obra que está dividida em duas partes, sendo que uma delas se dedica a elencar as santas palavras desse rei canonizado. Aliás, o autor deixa claro que o livro serve “[...] para a edificação daqueles que os ouvirem.” (Jean de Joinville, 2022, p. 15). Qual seria a intenção do autor ao criar uma obra com essas características?

O historiador francês Roger Chartier afirma que “As representações do mundo social assim construídas [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (Chartier, 2002, p. 17). Sendo assim, a representação de Luís IX criada a partir da obra de Jean de Joinville foi construída a partir de interesses desse grupo que a forjou. Ou seja, o autor e a família real, que é a encomendante dessa obra. Visto que este é um espelho de príncipes voltado para o uso da família real, a representação do rei santo deve servir a esse propósito. Isto é, deve ser um modelo a ser seguido por aqueles que lerem a obra. Portanto, de certa forma, a intencionalidade de Jean de Joinville com essa obra é de criar uma representação de Luís IX como um modelo de rei santo.

Além disso, Roger Chartier destaca dois significados do termo “representação”. Primeiro, a representação como a imagem que remete a algo ausente naquele momento. Sendo que “Nesse primeiro sentido, a representação nos permite ver o ‘objeto ausente’ (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma ‘imagem’ capaz de representá-lo adequadamente”. (Chartier, 2011, p. 17). Segundo, a representação como a exibição de algo, ou seja, a forma como os outros enxergam algo. Assim, “A representação é aqui a demonstração de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. É a coisa ou a pessoa mesma que constitui sua própria representação.” (Chartier, 2011, p. 17).

A obra de Jean de Joinville conversa com ambas as definições de representação. A primeira, de forma mais clara, seria o fato de que o personagem principal do livro já não está mais presente fisicamente naquele mundo, e a escrita desse livro busca, através de uma representação ideal, substituir essa ausência. Isso se conecta diretamente com a primeira definição de representação que Roger Chartier aponta. Para compreender a ligação da fonte com a segunda definição de representação apresentada pelo historiador francês, é necessária uma maior reflexão.

Em sua obra *Os dois corpos do rei*, Ernst Kantorowicz fala sobre a existência do rei como corpo natural e corpo político. O corpo natural do rei é aquele que o rei vive, é um corpo mortal como qualquer outro, que está sujeito a doenças, a velhice, a defeitos. Enquanto isso, o corpo político é imaterial, e é formado pelo povo e pelas ações do Rei, e diferente do corpo natural, este não possui defeitos e é imortal (Kantorowicz, 1998, p. 21). Além disso, Kantorowicz (1998, p. 23) destaca que “Os Dois Corpos do Rei, dessa forma, constituem uma unidade indivisível, sendo cada um inteiramente contido no outro. Entretanto, não pode haver dúvida em relação à superioridade do corpo político sobre o corpo natural.” Portanto, apesar de que todos os reis possuam um corpo natural que os possibilite cumprir as funções de um Rei, o que deve prevalecer a partir do momento em que ocorre a coroação é o corpo político.

Portanto, o corpo natural no rei passa a ser, de certa forma, uma representação física de um corpo político. Pois, a partir dessa indivisibilidade dos dois corpos e a prevalência do corpo político, as obras feitas pelo corpo natural do rei tornam-se obras do corpo político também. Assim como as atitudes do corpo natural estão ligadas ao corpo político, as derrotas e as vitórias, a paz ou a guerra, a boa ou a má relação com a Igreja também estão. Tudo que o corpo natural faz também torna-se parte do corpo político.

Outro ponto que Kantorowicz (1998, p. 25) destaca e que é importante para essa discussão é que “[...] o interessante é o fato de que esta ‘encarnação’ do corpo político em um rei de carne não somente desfaz as imperfeições humanas do corpo natural, mas transmite

‘imortalidade’ para o rei individual como Rei, isto é, em relação ao seu supercorpo”. Isto é, mesmo após a morte do corpo natural do rei, o corpo político daquele monarca continua vivo, tanto no imaginário como também na sucessão que ocorrerá após seu sepultamento. Assim, um Rei nunca morre, pois está sempre ligado ao seu corpo político, que é imortal.

Portanto, mesmo que Luís IX já esteja fisicamente morto em 1309 quando Jean de Joinville conclui a escrita de sua obra, o seu corpo político não está, tanto pela sua ligação com a monarquia francesa quanto pela sua recente canonização. Ou seja, mesmo que ele esteja morto, ainda é um representante do corpo político francês. Portanto, a fonte se encaixa com o segundo significado de representação exposto por Chartier, pois a representação de Luís IX como um modelo de rei santo também representa o corpo político do reino francês.

Assim, a *Histoire de Saint Louis* não só cria uma representação de alguém que não está fisicamente presente, mas também de um corpo político imortal. A partir disso, os interesses por trás dessa encomenda também são influenciados pelo fato de que ela também representará um todo, e não apenas uma pessoa. É necessário compreender o contexto histórico em que a encomenda foi feita para entender em qual jogo de disputas se insere a representação de São Luís Rei na obra de Jean de Joinville.

Tendo em mente que a fonte dessa pesquisa foi criada em meio a um jogo de disputas, tanto pela representação de São Luís Rei, como a representação de todo o reino francês, poderemos compreender como os interesses por trás dessa disputa podem ter influenciado a forma como Jean de Joinville cria um modelo de rei cristão que tem como personificação Luís IX.

3 HISTOIRE DE SAINT LOUIS: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE DA FRANÇA

Luís foi rei da França entre 1226 e 1270. Ascende ao trono com apenas 12 anos de idade. Torna-se um rei amparado por uma regente, sua mãe Branca de Castela. Casa-se aos 20 anos com Margarida de Provença, com quem garantirá o futuro da dinastia capetiana. Em 1234, torna-se cruzado pela primeira vez. Parte em direção ao Oriente, desembarcando em Damietta, no Egito. O rei e seu exército cruzado é derrotado múltiplas vezes pelas populações locais. Luís IX é feito prisioneiro, é liberto com um acordo, mas mesmo assim decide continuar em terras estrangeiras. Só decide voltar a França quando soube da morte da mãe, que havia ficado para cuidar do reino.

A experiência da cruzada torna-o um homem novo. Apesar de já ser um bom cristão antes de partir para o Oriente, o retorno mostra mudanças no comportamento de Luís IX. Busca ser mais humilde, mas justo, busca não apenas a sua salvação, mas também a de seus súditos. Realiza reformas dentro do reino, acordos de paz, usa vestes mais simples. A decisão de voltar para buscar Jerusalém mais uma vez parece até óbvia. Em um último esforço, torna-se cruzado novamente. O rei parte dessa vez para Túnis. Ao desembarcar, ele e seu exército são tomados por uma onda de disenteria. Luís IX falece em Túnis em 25 de agosto de 1270. O processo de canonização leva anos. Em 1297, com o papado de Bonifácio VIII, agora o rei francês pode ser chamado de São Luís, um nome tão conhecido para mim.

Jean de Joinville acompanhou o rei durante a 7ª cruzada, mas se manteve próximo de Luís até a sua partida para a 8ª cruzada. Além disso, continuou próximo a família real mesmo nos reinados seguintes e também participou do processo de canonização.

Durante o reinado do neto de Luís IX, a rainha decide encomendar uma obra que fale sobre o rei santo. Joana de Navarra, esposa de Filipe o Belo, pede a Jean de Joinville que escreva uma obra. Nela, o senescal do condado de Champanhe escreve sobre os grandes feitos de armas do rei e sobre suas sábias palavras. Esta obra cria uma representação do rei francês como modelo de rei cristão a ser seguido, especialmente pelos sucessores do trono, a quem a obra foi entregue após ser concluída.

Esta obra entregue a família real foi mantida em particular por muito tempo antes de se tornar pública. Após seus manuscritos serem encontrados, traduções para o francês moderno surgem, assim como estudos sobre ela. A poucos anos, uma versão em português surge, tornando essa pesquisa possível.

Sua leitura, em um primeiro momento, parece simples. Uma obra que enaltece um santo católico, um santo que foi rei da França. Entretanto, o olhar de um historiador a interpreta como

um vestígio do passado, uma escrita carregada de significados e influenciada por um contexto histórico. Um livro como este não é apenas literatura ou uma biografia, é uma fonte que pode nos ajudar a entender um pouco desse passado. Marc Bloch nos lembra de algo importante: “[...] ela [a história] deixou de se limitar a ponderar as afirmações [explícitas] dos documentos. Foi-lhe necessário também extorquir as informações que eles não tencionavam fornecer.” (Bloch, 2002, p. 95). Portanto, não podemos nos deter apenas as informações que a fonte nos fornece, é necessário olhar para além dela, olhar para o não dito. Neste caso, é preciso olhar para o contexto histórico em que a fonte foi escrita. Este capítulo busca colocar isso em prática.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E HIPÓTESE

Ao finalizar sua obra, o autor se despede dizendo: “Escrito no ano da graça mil trezentos e nove, no mês de outubro.” (Jean de Joinville, 2022, p. 256). Apesar de indicar uma data, é possível perceber que esta se refere a finalização da escrita, e não ao início do processo. Como visto anteriormente, a obra foi encomendada por Joana de Navarra, mas entregue a seu filho, pois ela falece antes que o senescal a termine. Seu falecimento ocorre em 1305, ou seja, o livro levou ao menos quatro anos para ser finalizado após a sua encomenda. Nesse mesmo período, a França passava por um momento conturbado em sua história.

Filipe IV, conhecido também como o Belo, assumiu o trono francês alguns anos antes, em 1285. Em 1294 inicia um conflito com a Inglaterra e nesse mesmo ano um novo papa é eleito, Bonifácio VIII. Ambos os reinos envolvidos nessa disputa estavam exigindo impostos dos clérigos para fins bélicos, o que ia contra as prescrições canônicas (Strefling, 2008, p. 412).

Entretanto, em 1296, será emitida uma bula papal intitulada *Clericis laicos* que proibirá que os reis da França e da Inglaterra taxem bens eclesiásticos. O rei inglês aceitou a decisão, já Filipe inicia um conflito com o papado que perdurará por alguns anos. Sua primeira atitude foi atacar financeiramente o papado, proibindo a exportação de ouro e prata, de armas, de alimentos e cavalos, prejudicando as finanças de Bonifácio VIII (Strefling, 2008, p. 411- 412). O papa tenta apaziguar a situação de maneiras diferentes, inclusive canoniza o avô do rei francês. Entretanto, em meio a isso tudo, Filipe IV continua a cobrar impostos do clero. Com isso, uma nova bula é lançada, a *Salvator Mundi*, proibindo de forma definitiva o pagamento de impostos por parte do clero.

Como a situação permanece a mesma apesar da publicação dessa última bula, Bonifácio VIII não se silencia e lança a *Ausculda Fili*, onde se dirige a Filipe IV como um pai que aconselha o filho (Strefling, 2008, p. 414). Bonifácio não buscava apenas impedir que os

impostos sejam cobrados, mas também queria mostrar o seu poder papal diante dos monarcas europeus. O rei inglês já havia cedido, na primeira bula lançada sobre o tema. Já o rei francês não queria ceder. Como uma forma de demonstrar isso, uma nova bula, *Unam Sanctam*, trata sobre a autoridade que Deus concede ao papa. Para os reis sobraria o papel da execução e submissão ao papado. Com isso, a situação se agrava:

Diante das ameaças de excomunhão e tentativas de enfraquecer a França, Filipe, o Belo, reage com dureza e envia um grupo armado, liderado por Nogaret, para prender o Papa, que se encontrava em Agnani. No dia 7 de setembro [de 1303], Nogaret, com um exército que contava com o reforço de tropas dos Cardeais Colonna, atacou de surpresa a cidade. Alguns Cardeais, por traição, se encarregaram de abrir as portas do palácio papal. Os sobrinhos do Papa, porém, organizaram rapidamente a resistência. Bonifácio quer negociar, mas Nogaret radicalmente pede a renúncia do Papa ao pontificado e ataca o palácio pontifício. [...] Os invasores roubaram os bens do palácio pontifício e depois de três dias foram expulsos pelos cidadãos de Agnani. O Papa voltou para Roma e um mês depois veio a falecer (Stefling, 2008, p. 417).

Ao perceber que o papa não cederia em relação ao seu poder perante os monarcas, Filipe, o Belo toma uma atitude drástica e tenta prender o papa. Pouco tempo depois do ocorrido, Bonifácio VIII falece em 11 de outubro de 1303. Já faz quase dez anos que o conflito existia entre o reino francês e o papado quando um novo papa surge. Será eleito Bento XI, que terá um papado de apenas oito meses. Em seu lugar será eleito Clemente V, nascido na França, que inicia seu papado em junho de 1305. O rei francês consegue transferir o papa para Avinhão, na França, e torna o papado submisso ao reino francês por cerca de setenta anos. Por conta dessa submissão, os conflitos cessam. (Stefling, 2008, p. 418)

Ao olharmos para o contexto histórico dos primeiros anos do século XIV, vemos o reino francês mergulhado em conflitos com a Igreja Católica. Especialmente relacionados ao papa. É nesse mesmo período que Joana de Navarra pede que Jean de Joinville escreva a nossa fonte, pois quando Joana falece, o papado havia sido transferido para Avinhão naquele mesmo ano. Assim, os anos anteriores a encomenda da obra foram marcados por uma má relação entre Igreja e reino, algo muito diferente do que o senescal retrata em sua obra.

Em sua obra póstuma, Bloch (2002, p. 60) aponta que

Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento. Isso é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos como das outras. O provérbio árabe disse antes de nós: ‘Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais.’

Portanto, a obra de Jean de Joinville não pode ser analisada sem entender o momento em que ela foi escrita e o que antecedeu esse momento. Apesar de que a obra narra um passado glorioso, o presente do reino francês enquanto a obra surgia era muito diferente dos “bons

tempos do rei Luís”. Assim, a obra se parece mais com o contexto histórico em que foi escrita do que com o seu conteúdo, mesmo que este se refira ao passado.

Assim sendo, a intenção velada por trás da escrita da obra estaria relacionada a glorificação de Luís IX ou as atitudes de Filipe IV perante o conflito com o papado? Analisando o que foi apresentado anteriormente neste trabalho como a construção da fonte e o contexto em que ela foi escrita, acreditamos que sua escrita esteja relacionada ao momento de crise que o reino francês vivia com a Igreja Católica. Além disso, a análise da fonte pode ajudar a reforçar essa ideia, pois alguns trechos parecem dedicados a Filipe, o Belo. Isso se conecta a ideia apresentada anteriormente, de que precisamos entender o contexto em que a fonte foi criada para compreender o que não está dito por ela.

Logo, seria possível afirmar que o livro destinado a família real seria uma forma instruir os futuros reis para que sigam os ensinamentos de Luís IX, em contraposição às ações de Felipe, o Belo contra o papado romano?

Os próximos passos desse trabalho serão dedicados a lidar com essa hipótese e buscar entender se esse questionamento pode ser respondido ao analisarmos a nossa fonte.

3.2 BUSCANDO O NÃO DITO: ANÁLISE DA FONTE

Durante a leitura da obra de Jean de Joinville alguns trechos chamam a atenção quando se compreende o momento em que a França vivia quando a escrita acontecia.

Um dos trechos se refere a um acidente que ocorreu com a nau em que o rei estava. O autor narra esse momento importante na vida do rei francês duas vezes ao longo do livro: na primeira parte, pois se refere a uma lição tirada daquela situação, e na segunda parte, pois foi um momento importante dentro de uma cadeia de acontecimentos maiores.

O navio que levava o rei, sua família e outros tripulantes de volta à França chocou-se contra um banco de areia, próximo a ilha de Chipre. O caos toma conta da embarcação, pois todos acreditam que podem se afogar. Inclusive o

[...] rei, que estava com os braços em cruz e com a face contra o chão no convés da nau, sem calção, usando uma cota simples e todo desganhado, diante do corpo de Nosso Senhor⁶ que estava na nau, como um homem que acreditava de fato que iria afogar-se. (Jean de Joinville, 2022, p. 212-213).

Na segunda parte do livro, o autor desenvolve com calma os acontecimento

⁶ Refere-se à Eucaristia

os que sucederam esse acidente, mostrando como o rei agiu diante de uma embarcação danificada. Na primeira parte, o escritor dedica-se a mostrar qual foi o ensinamento que Luís IX gerou a partir dessa situação. Jean de Joinville descreve a conversa íntima que teve com o rei francês após todas as tormentas passarem. Nesse diálogo, Luís IX destaca que “Devemos tirar partido dessa ameaça que Deus nos fez, de modo que, se sentirmos que temos no nosso coração ou no nosso corpo algo que desagrade a Deus, devemos arrancá-lo sem perda de tempo.” (Jean de Joinville, 2022, p. 22-23). Ou seja, mesmo após um acidente que quase matou o rei da França e todos os seus tripulantes, todo o contexto não foi visto com revolta, mas sim com temor à Deus. Nesse momento, o rei olha para si próprio e busca o que fez de errado para que Deus tivesse o ameaçado dessa forma.

O que nos chama atenção durante a leitura é o comentário que Jean de Joinville deixa após narrar estes acontecimentos:

Que o rei que hoje reina se acautele, pois escapou de um perigo tão grande quanto o nosso, ou maior; que ele se emende da sua má conduta de tal maneira que Deus não o atinja cruelmente na sua pessoa ou nos seus assuntos. (Jean de Joinville, 2022, p. 23, grifo nosso).

Aqui, o senescal parece utilizar a reflexão de Luís IX para alertar o rei atual de que, se o exemplo não for seguido, más consequências virão. Durante todo o período em que a obra foi escrita, o rei que estava governando a França era Filipe IV. Ou seja, o rei que precisa se acautelar para que Deus não o atinja, muito provavelmente deve ser ele. Essa é uma crítica direta, onde facilmente entendemos a quem o autor se refere, mesmo que nomes não sejam citados.

Outro trecho que chama atenção está localizado nas últimas páginas da obra, quando o escritor faz uma breve descrição de como ocorreu o processo de canonização. Ao descrever o deferimento da santificação, o senescal escreve:

Por isso houve e deve haver grande alegria em todo o reino da França, e grande honra a toda a sua linhagem para aqueles que quiserem assemelhar-se a ele no bem agir, e grande honra a todos aqueles da sua linhagem que querem segui-lo com boas obras; **grande desonra à sua linhagem para aqueles que querem agir mal; pois será indicado a eles, e será dito que o santo rei de quem eles vieram teria relutado em realizar tal ato maligno.** (Jean de Joinville, 2022, p. 253-254, grifo nosso).

Dessa vez, o autor não deixa explícito a quem ou o que se refere este trecho, mas a partir do conhecimento que temos sobre o contexto histórico em que a obra foi escrita, alguns pontos chamam a atenção. Primeiramente, o senescal destaca a alegria que a linhagem de Luís IX deve sentir ao vê-lo oficialmente santo. Destaca que será uma grande honra ter o rei santo como alguém a assemelhar-se. Até aqui, nada novo. Este é o discurso que permeia todo o livro. Além disso, reforça a discussão feita no capítulo anterior sobre esta obra ser um espelho de príncipes.

Mesmo assim, Jean de Joinville continua e mostra a desonra que seria se alguém da linhagem desse santo agisse mal, pois será apontado como seu antepassado não teria agido dessa forma. Porque destacar algo desse tipo, se todo o restante da obra parece ser dedicado a exaltar as atitudes Luís IX como um homem santo? Conhecendo o contexto histórico que permeia a escrita dessa obra, podemos buscar uma resposta para isso. O senescal de Champanhe continuou próximo a família real mesmo após a morte de Luís IX. Ou seja, presenciou o que acontecia no reino da França durante muitos anos, tanto no reinado do filho como no reinado do neto do rei santo. Presenciou os bons e os maus momentos. Entendendo como foi a relação de Filipe IV com a Igreja Católica durante o seu reinado e entendendo a posição em que Jean de Joinville estava, podemos compreender de quem o autor está falando. É possível que, aquele da linhagem de Luís IX que esteja agindo mal, seja Filipe IV.

Toda a obra gira entorno das atitudes e ensinamentos de um bom rei, que ao mesmo tempo é um bom cavaleiro e um bom cristão. Suas decisões são tomadas com base em seu povo e em sua religião. Em alguns trechos da obra isso fica mais evidente. Por exemplo, quando o rei Luís IX foi capturado pelas populações muçulmanas no Egito, foi pedido que ele cumprisse um juramento.

O último ponto do juramento foi o seguinte: se o rei não observasse as tratativas com respeito aos emires, que ele também fosse desonrado tanto quanto cristão que renega a Deus e sua lei e que, desprezando a Deus, cospe na cruz e pisa nela. Ao ouvir isso, o rei disse que, se aprovesse a Deus, ele seguramente não prestaria esse juramento. (Jean de Joinville, 2022, p. 129-130).

E, mesmo ameaçado de ter a cabeça cortada por não aceitar jurar o que lhe pediram, “O rei respondeu que eles podiam fazer o que quisessem, pois ele preferia morrer sendo um bom cristão a viver sob a cólera de Deus, de sua Mãe e dos seus santos.” (Jean de Joinville, 2022, p. 130). O senescal alerta que, aqueles da linhagem de Luís IX que decidirem agir de forma má, serão lembrados de que o santo rei não teria agido dessa forma. O trecho descrito acima destaca como o rei não aceita ir contra as leis da Igreja, não aceita desonrar sua religião, pois prefere morrer a viver isso.

Além disso, Luís IX não só respeitava a igreja como também a ajudava, inclusive financeiramente:

Assim que tomou posse de seu reino e pôde realizar as coisas, começou a construir igrejas e vários estabelecimentos religiosos, entre os quais a abadia de Royaumont prevalece em honra e grandeza. Ele construiu várias santas casas: a Santa casa de Paris, a de Pontoise, a de Compiègne e Vernon, e deu-lhes grandes rendas. (Jean de Joinville, 2022, p. 243).

O senescal continua a elencar as várias contribuições que Luís IX faz para religiosos e religiosas e destaca que “O rei amava todos aqueles que entravam no serviço de Deus e usavam

o hábito religioso; e ninguém veio a ele que não conseguiu obter recursos para viver. [...] Assim, o bom rei cercou a cidade de Paris com monges.” (Jean de Joinville, 2022, p. 245). Luís IX não só seguia a fé cristã como também a apoiava.

Em contraste a isso, Jean de Joinville escreve a obra durante o reinado de Filipe, o Belo, que mantém um forte conflito com o papado. Mesmo que o monarca esteja sendo ameaçado a todo tempo de ser excomungado. Ao invés de ajudar a Igreja financeiramente como seu avô, cobrava impostos aos clérigos. Além disso, ainda tentou prender o pontífice, que falece pouco tempo depois. Em seguida, resolve seus conflitos trazendo um papa francês para o seu território, para ficar submisso a ele. Apesar de que estes trechos não estão direcionados a Filipe IV como os anteriores, serve de exemplo para mostrar como a obra enfatiza as atitudes de Luís IX, que contrastam com as de seu neto.

Voltamos agora a pergunta feita anteriormente: a intenção velada por trás da escrita da obra estaria relacionada a glorificação de Luís IX ou as atitudes de Filipe IV perante o conflito com o papado? Os trechos analisados reforçam a ideia de que a obra não se refere apenas a santidade do rei francês, mas que sua intencionalidade perpassa o momento conturbado que a França vivia quando o livro foi escrito. Apesar de que a maior parte da obra se refira a descrições da vida de Luís IX, os trechos analisados demonstram que sua escrita não foi desconectada do seu contexto histórico.

Jean de Joinville teria utilizado um passado glorioso como forma de ir contra a um presente conturbado. Teria exaltado um rei santo como forma de condenar as atitudes de outro rei que tentou prender o papa e, mesmo após a sua morte, obrigou o papado a se mudar para o território francês. Importante relembrar que esta obra não foi iniciativa do senescal, mas sim da própria esposa de Filipe IV. Portanto, o uso desse passado não foi uma escolha do autor, e sim da encomendante. Importante relembrar a discussão feita no capítulo anterior e reforçar que, a obra de Jean de Joinville é um espelho de príncipes, encomendado após a canonização de seu personagem principal. Pensando nisso, porque a rainha encomendaria uma obra como essa, de um rei já canonizado, dentro do contexto em que estava vivendo? Vejamos mais alguns trechos da obra que podem esclarecer isso.

No início da obra o autor busca deixar claro que este livro serve para transmitir os ensinamentos de Luís IX, para que aqueles que lerem façam bom proveito de suas palavras. No parágrafo final do prólogo o senescal diz:

Agora eu vos digo, monsenhor rei de Navarra, que prometi à minha senhora, a rainha, vossa mãe – que Deus lhe conceda um bom perdão – que faria este livro e, para cumprir minha promessa, eu o fiz. E como não vejo ninguém que tenha tantos títulos para tê-los quanto vós, que sois seu herdeiro, vo-lo envio a fim de que vós, os vossos irmãos e os outros que o lerem **possais colher nele bons exemplos e colocar esses**

exemplos em prática de modo que Deus vos seja grato por isso. (Jean de Joinville, 2022. p. 13, grifo nosso).

Na página seguinte, que abre a primeira parte do livro, o autor reforça essa ideia:

E antes de vos narrar os seus grandes feitos e a sua conduta de cavaleiro, contar-vos-ei o que vi e ouvi das suas santas palavras e dos seus bons ensinamentos, **a fim de que se possam encontrar primeiro uns depois os outros, para a edificação daqueles que os ouvirem.** (Jean de Joinville, 2022, p. 15, grifo nosso)

Logo nas primeiras páginas da obra, o autor repete duas vezes qual a função desse livro. É um modo de deixar bem claro ao leitor o que fazer com os ensinamentos que ele lerá nas próximas páginas.

No primeiro trecho o autor está se referindo a entrega da obra para Luís X, que naquele momento ainda não havia sido coroado rei da França, pois Filipe IV ainda estava vivo. No trecho destacado podemos ver que a expectativa é que o livro sirva como uma forma de ter um bom exemplo de rei para o herdeiro do trono, seus irmãos ou qualquer um que leia a obra. Interessante pontuar o fato que o autor espera que estes ensinamentos sejam colocados em prática, não só interiorizados.

No segundo trecho, o senescal está abordando o que consta naquela primeira parte do trabalho. Destaca o fato de que as boas palavras serão abordadas por primeiro na obra, para que possam edificar aqueles que ouvirem. Também é uma forma de enfatizar os ensinamentos, pois foram selecionados e separados da narrativa que virá na próxima parte do trabalho.

Ambos os excertos destacam que a obra está destinada a transmitir os ensinamentos do rei santo, e espera-se que estes sejam colocados em prática. Isso dialoga com a ideia de que essa obra é um espelho de príncipes. A segunda pergunta colocada anteriormente pode ser respondida a partir dessas reflexões: seria possível afirmar que o livro destinado a família real seria uma forma instruir os futuros reis para que sigam os ensinamentos de Luís IX, em contraposição às ações de Felipe, o Belo contra o papado romano? Visto que a obra busca disseminar ensinamentos aos futuros reis da França e que esta vive uma relação conturbada com a Igreja Católica, acreditamos que sim.

3.3 AS LACUNAS E A BUSCA POR RESPOSTAS

Mesmo diante do exposto até aqui, algumas lacunas ainda são perceptíveis. A busca por respostas para essas questões contribui diretamente para reforçar a ideia de que a intencionalidade da obra está ligada diretamente ao contexto histórico em que ela foi escrita.

Primeiramente, por que a obra reforça a representação de Luís IX como um modelo de rei cristão, se a santidade por si só já é um modelo de conduta a ser seguido? Como Costa (2012, p. 455-456) destaca:

[...] o santo, independentemente do período em que foi canonizado ou do modelo de santidade em que se insere, é um 'ser de excepção'. Um ser dual, uma pessoa real e histórica, que pelas suas continuadas boas acções, se torna num exemplo a seguir e num elo de ligação entre o terreno e o celestial.

Dessa maneira, Luís IX ganha não somente um título vinculado a Igreja Católica quando é canonizado, ganha também o respeito dos fiéis que agora o enxergam como um modelo de conduta a ser seguido. Se este durante a vida foi um rei, torna-se portanto, um exemplo de bom rei cristão. Se a obra não foi destinada ao grande público, e sim para a família real, por que enfatizar isso se o título concedido pela Igreja Católica já escancara essas características? Qual motivo se esconde por trás dessa encomenda, já que não existe a necessidade de criar uma representação de Luís IX como modelo de rei santo, pois ela já existe? É importante questionar qual grupo tem interesse por trás da criação dessa representação e quais são os motivos que levaram a necessidade de criá-la.

Além disso, diferente do momento em que o processo de canonização está em andamento e é preciso provar as virtudes daquela pessoa, a obra foi escrita mais de 30 anos após a canonização. Ademais, o culto a São Luís já estava se consolidando, portanto, não havia mais a necessidade de promover uma representação de Luís IX como homem santo. Outro ponto interessante é que

A alteração, por parte da Santa Sé, das causas que conduziam à santificação foi acompanhada pela instituição de um controlo sobre as virtudes e os milagres dos servidores de Deus, que eram submetidos a um exame atento pela cúria depois de ouvido o testemunho de todos os que deles tinham tido conhecimento ou que tinham beneficiado com a sua intercessão, no quadro de um processo de canonização. A partir daí, haverá no Ocidente duas espécies de santos: aqueles que, tendo sido aprovados e reconhecidos pelo papa, poderão ser objecto de um culto litúrgico e os outros, que terão de contentar-se com uma veneração local. (Vauchez, 1989, p. 219)

Luís foi canonizado após essas alterações e, mesmo após um processo conturbado, teve a sua santificação. Assim, passa a ter um culto litúrgico, oficial, além de festas em sua honra. Uma obra como a de Jean de Joinville agrega pouco para o culto de São Luís quando a Igreja já o considerava santo. E mais ainda porque este não é o objetivo da obra, visto que apenas a família real pode ter acesso a sua escrita.

Por fim, por que Jean de Joinville foi escolhido para escrever essa obra? Vale lembrar que o autor da obra não era um escritor, era um senescal, um cargo voltado para a administração e não para as artes ou as letras. Assim, Joana de Navarra poderia ter escolhido alguém que se

dedicasse a escrita e seguisse fielmente a sua encomenda. A escolha por trás de quem irá escrever a obra também é importante para compreender sua intencionalidade.

Para responder essas questões é interessante relembrar alguns debates feitos no capítulo anterior. Primeiramente, é preciso compreender a intencionalidade da obra. Visto que “As representações do mundo social assim construídas [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (Chartier, 2002, p. 17), para compreender o motivo por trás da representação de Luís IX como modelo de rei santo na obra é preciso entender o objetivo dela. Em outros momentos desse trabalho vimos que o livro se trata de um espelho de príncipes. O próprio autor nos mostra isso ao dedicar sua obra ao filho de Joana de Navarra. A forma como a obra é escrita também demonstra isso.

Se o reinado de Filipe, o Belo não é algo a ser espelhado, é preciso buscar outro rei que possa servir de exemplo de liderança e de fé para que os futuros reis franceses não repitam os erros que aconteceram no início do século XIV. Alguém a ser espelhado deve ser o mais próximo possível de um modelo de perfeição cristã. O reino da França já tinha um rei canonizado, portanto, não existia exemplo melhor para ser usado.

Além disso, importante ter em mente que, para que um livro seja produzido, “[...] são movimentadas determinadas práticas culturais e também representações, sem contar que o próprio livro, depois de produzido, irá difundir novas representações e contribuir para a produção de novas práticas. [...]” (Barros, 2005, p. 133-134). Para o processo de escrita de um livro, o autor é uma peça-chave,

[...] ele se conforma a determinadas representações do que deve ser um livro, a certas representações concernentes ao gênero literário no qual se inscreverá a sua obra, a representações concernentes aos temas por ela desenvolvidos. **Esse autor também poderá se tornar criador de novas representações**, que encontrarão no devido tempo uma ressonância maior ou menor no circuito leitor ou na sociedade mais ampla. (Barros, 2005, p. 134, grifo nosso)

Portanto, Jean de Joinville escreve a partir das representações que ele já conhecia para criar outras. A concepção de como um rei deve se portar e como deve se relacionar com a Igreja no século XIV influenciaram a escrita do autor. Assim, o contexto histórico em que o autor vive molda as representações que ele conhece, e molda o que ele produzirá como consequência. Entretanto, não necessariamente a intenção da obra seja essa. A construção de uma representação faz parte do processo de escrita, mesmo que não seja o centro dele.

Como o propósito da obra pede que Luís IX seja mostrado como exemplar, o autor deve criar uma representação que satisfaça a esse interesse. Portanto, a representação de Luís IX como um modelo de rei cristão criada no livro é quase como uma consequência, gerada pela necessidade da obra de instruir os príncipes franceses. A intenção não era criar e reproduzir uma

representação do rei santo, mas sim utilizá-la para criar um exemplo a ser seguido. Sua construção não é objetivo da obra, mas foi necessária para que os objetivos fossem cumpridos.

Assim podemos compreender por que a *Histoire de Saint Louis* reforça e, ao mesmo tempo cria, uma representação de Luís IX como rei santo, mesmo que a santidade por si só já faça isso. A questão não se trata de enfatizar algo que o título concedido pela Igreja já escancara, mas sim a criação de uma representação como uma forma de atingir os interesses por trás da encomenda da obra.

Para preencher outra lacuna, é preciso retomar a ideia que Ernst Kantorowicz faz em sua obra *Os dois corpos do rei*. Como visto anteriormente, o monarca teria dois corpos: o corpo natural e o corpo político. Sobre as características do corpo político, Kantorowicz (1998, p. 25) explica:

Contudo, o interessante é o fato de que esta "encarnação" do corpo político em um rei de carne não somente desfaz as imperfeições humanas do corpo natural, mas transmite "imortalidade" para o rei individual como Rei, isto é, em relação ao seu supercorpo. [...] Em outras palavras, enquanto a humanidade da encarnação individual se mostrava negligenciável e uma questão de importância secundária, a essência eterna ou "deidade" do monarca era tudo que contava [...].

Dessa forma, o corpo político do rei possui uma certa “imortalidade”. Esta é ligada ao corpo natural do rei, porque ele se torna uma representação do corpo político, se torna o rosto de um reinado. Assim, Luís IX ainda é uma forma de representação do reino francês. O fato de ter sido canonizado apenas reforça isso.

Quando uma obra como a de Jean de Joinville escreve sobre um homem já canonizado, com um culto já estabelecido dentro do reino, não é uma forma de apenas exaltá-lo. A cada elogio, cada boa conduta citada, cada decisão correta, a figura de Luís IX remeterá também a do reino. Dessa maneira, uma obra que fale sobre isso é como retomar a imagem da França aos “bons tempos de São Luís”, justamente quando o atual rei se difere tanto do santo francês.

Além disso, recuperar a imagem de um rei que foi canonizado relembra a história que o reino da França tem com a Igreja Católica. Luís IX, com seus dois corpos e sua canonização, mostram que a França já foi próxima e fiel a Igreja no passado. Isso se difere do momento que Jean de Joinville vive ao escrever seu livro. Portanto, escrever sobre um rei que já é canonizado e cultuado tem como intenção retomar a sua imagem e do seu reinado, para se contrapor a um presente que se mostra divergente de toda a história da França com a Igreja. Como o livro é um espelho de príncipes, a representação do reino francês sendo governado por um santo se torna um exemplo que se difere do contexto histórico que quem recebeu a obra vivia.

Isso reforça a ideia de que o livro não está deslocado do seu contexto histórico. Se a escolha do tema da obra surge de quem a encomenda, reforça ainda mais a necessidade de

retomar um passado glorioso do reino francês. Um pedido como esse, vindo da rainha, demonstra como os conflitos que permeavam o reino naquele momento influenciaram a escrita do autor. Dessa forma, salienta a ideia de que a intencionalidade por trás da obra diz respeito aos conflitos de Filipe IV com o papado e a tentativa de instruir os futuros reis da França a partir da imagem de Luís IX.

Relacionado a isso está o autor. Quem escreve uma obra tem um papel muito importante na sua construção. No caso da nossa fonte, também devemos lembrar do papel de quem a encomendou. A escolha de quem seria o escritor desse livro foi de quem parte a encomenda. Compreender os motivos que levaram a escolha de Jean de Joinville nos leva a preencher lacunas importantes para esse trabalho.

Primeiramente, como visto no capítulo anterior, o autor era subordinado a família real, não só por ser súdito, mas também por ser senescal de Champanhe. O pai de Joana de Navarra era conde de Champanhe, ou seja, suserano do nosso escritor. Com a morte do pai e o casamento de Joana de Navarra com o rei da França, o condado passa a fazer parte do reino. Assim, Jean de Joinville era subordinado de Joana de Navarra e do rei Filipe IV. Dessa forma, a encomenda da obra não foi um pedido, e sim uma ordem. Ao pedir que o senescal escrevesse uma obra como essa, a encomendante sabia do compromisso que uma pessoa submissa a ela teria e que a escrita também estaria submissa aos seus interesses.

Além disso, sua função de senescal tornou a tarefa possível, pois era um cargo que exigia leitura e escrita. Jean de Joinville não era escritor, mas também não era analfabeto, graças ao seu título e sua posição social.

Ainda, como visto no primeiro capítulo, mesmo após a morte de Luís IX, o autor se manteve próximo da família real. Claramente, se manteve por perto como subordinado, e não como amigo. E isso começou com a aproximação de Jean de Joinville com o rei Luís IX durante a cruzada. Se manter por perto da família real por tantos anos foi importante para a construção da obra, pois o senescal presenciou como o reino mudou sua relação com a Igreja, rei após rei. Além disso, manter a proximidade com a família real também era um interesse de Jean de Joinville, pois era uma forma de manter sua posição social junto à corte francesa.

Portanto, o autor da obra, além de subordinado, também conhecia muito bem a realidade da família real nas últimas décadas, desde a morte do rei santo até o momento em que Filipe IV inicia seu conflito com o papado. Se a obra realmente serve como um espelho de príncipes por conta do contexto histórico em que foi escrita, alguém que compreende por que fazer isso é essencial para escolher o autor. As escolhas do senescal para a escrita da obra passam pela sua proximidade com a família real e o seu testemunho.

Outro ponto importante é o testemunho dado por Jean de Joinville. O senescal presenciou, durante seu tempo ao lado de Luís IX, diversos ensinamentos e atitudes que deveriam ser tomadas como louváveis e exemplares. Como Bloch (2002, p. 123) recorda: “Antigamente, ao menos que se tivesse previamente razões bem fortes para suspeitar de mentira suas testemunhas ou seus narradores, todo fato afirmado era, em três quartos das ocasiões, um fato aceito.” Portanto, o testemunho possuía muito mais valor para a sociedade francesa medieval do que para o mundo em que vivemos.

Além de instruir os futuros reis, a obra precisava de uma legitimidade. Era necessário mostrar que aquele rei que se tornou santo realmente fizera tudo que se diz sobre. Que os “bons tempos do rei Luís” realmente eram bons para a França. Escolher alguém que pudesse testemunhar os ensinamentos de Luís IX era mostrar que aquilo era verdadeiro.

Portanto, para que o objetivo da encomenda se cumprisse, o autor correto deveria ser escolhido. Jean de Joinville não só viveu um bom tempo ao lado do rei francês como também com a família real. Presenciou os ensinamentos de um santo e os conflitos de Filipe, o Belo, com o papado. Além disso, era submisso a coroa por conta de sua função, essa que permitiu que ele aprendesse a ler e escrever. A escolha de quem escreveria essa obra perpassa a sua intencionalidade e seu contexto histórico. O senescal foi escolhido por atender as necessidades por trás do grupo que precisava de uma representação de Luís IX como modelo de rei santo. Essa representação é criada para que se cumpra o objetivo de instruir os futuros reis franceses.

Assim sendo, a partir de toda a discussão desenvolvida neste capítulo podemos perceber que a escrita da obra *Historie de Saint Louis* foi influenciada pelo contexto histórico em que o autor e a encomendante viviam naquele momento. Mesmo que o conteúdo fale sobre a vida de um rei santo, que naquele momento já está no passado, a obra responde muito mais às demandas do presente conturbado que a França vive durante o reinado de Filipe, o Belo.

Como visto neste capítulo e no anterior, a obra se trata de um espelho de príncipes, que visa deixar ensinamentos e um modelo de conduta a ser espelhado pelos futuros reis que tiverem acesso a esse livro. Neste caso, temos um livro que é influenciado pelo contexto em que foi escrito, além de ter sido encomendado pela própria rainha e, posteriormente, entregue aos herdeiros do trono francês. A partir da afirmativa anterior, podemos compreender que a necessidade de encomendar uma obra como esta surge pois o monarca que reina naquele momento não é um bom exemplo de como se relacionar com a Igreja. Assim, o exemplo de Luís IX como rei santo a ser espelhado surge para contrapor os conflitos de Filipe IV com o papado e instruir os futuros reis franceses a manterem boas relações com a Igreja.

4 CONCLUSÃO

Inicialmente esta pesquisa buscava compreender a representação de Luís IX como um modelo na obra de Jean de Joinville. A partir da história das representações, o objetivo era compreender como isso se apresentava no livro. Entretanto, no caminhar dos dias, nas leituras das referências bibliográficas e da fonte, a pesquisa tomou um novo rumo. A intencionalidade por trás da escrita do senescal passou a ser central nesse trabalho. Ao compreender melhor o momento em que a fonte foi escrita, algo chama atenção: os conflitos que Filipe IV teve com o papado foi no mesmo período em que Jean de Joinville recebe a encomenda da obra. E além do mais, alguns trechos da fonte mostravam que esses acontecimentos não passaram em branco para o autor. Assim, uma nova chama se acende e novas hipóteses vão surgindo para guiar o trabalho.

Primeiramente, era necessário entender como aquele contexto histórico afetou a encomenda da obra e a escrita da Jean de Joinville, assim seria possível entender como isso se conecta com a intencionalidade por trás da obra. Quando se entende o tamanho do conflito de Filipe IV com o papado, é possível compreender que a sociedade francesa foi afetada por essas ações. Um reino que possui uma forte ligação com a Igreja Católica se vê sendo governado por um monarca que vai contra o papa e, além disso, ainda muda a sede do papado para que esteja subordinado a ele. O contraste de tudo isso é o rei santo francês, canonizado em meio a esses conflitos.

Quando se lê a fonte após compreender o que se passava na sociedade francesa quando o autor recebe a encomenda, é possível perceber que alguns trechos parecem estar relacionados a esse momento. Analisando com mais calma, contrapondo as atitudes do rei atual com o rei santo, é mais nítido ainda como a obra está relacionada com o presente em que foi escrita. Por falar sobre algo que já havia se passado a algumas décadas, relacionamos num primeiro momento o seu conteúdo com a sua intencionalidade, mas investigando com calma, percebe-se que a escolha desse tema perpassa também o presente vivido por Joana de Navarra e Jean de Joinville.

Portanto, compreende-se que os conflitos entre Filipe IV e o papado influenciaram a escrita da obra de forma direta. Isso é importante para pensar a segunda questão levantada por essa pesquisa. O objetivo da obra é deixado claro pelo próprio autor nas páginas do seu livro. Este é um espelho de príncipes, que deve servir para mostrar um exemplo de conduta e de rei para aqueles que lerem. Visto que a obra é encomendada por Joana de Navarra, mas foi entregue a seu filho, a obra acaba servindo de espelho para o sucessor do trono francês.

Entretanto, como a influência do contexto histórico se mostra persistente na obra, de certa forma isso deve ter influenciado a intencionalidade por trás da escrita. A escolha de encomendar uma obra com um tema como este, que fale sobre um rei santo que deve servir de exemplo aos futuros reis franceses, justamente quando o reino possui problemas graves com a Igreja, não é por acaso.

Compreendendo os motivos por trás da escolha do autor, por trás da escolha do tema e da representação de Luís IX como um modelo de rei santo na obra, é claro como o livro se mostra como um contraponto ao momento vivido pelo reino. Assim, entende-se que o objetivo de instruir os futuros reis franceses tendo Luís IX como esse exemplo a ser seguido acontece pois Filipe, o Belo, não tem se demonstrado um bom monarca e, majoritariamente, um bom cristão.

Ao buscar responder as hipóteses levantadas nesse trabalho, a pesquisa contribui para expandir os estudos acerca de Luís IX no cenário atual brasileiro. Este trabalho aborda uma fonte muito usada no estudo do tema, a *Histoire de Saint Louis*, mas de uma forma diferente, pois as hipóteses que guiaram a pesquisa questionam a forma como a obra foi escrita, e não a utiliza apenas como fonte de informações sobre Luís IX.

Apesar disso, existiram limitações durante esse estudo. A não proficiência na língua francesa limitou o uso de outras fontes que poderiam contribuir para o aperfeiçoamento do trabalho. Além disso, as limitações de tempo na construção de um trabalho de conclusão de curso, durante a fase final da graduação, também contribuíram para que outras fontes não fossem incluídas.

A partir dessas limitações surgem novas possibilidades de pesquisa mais aprofundadas sobre o tema. Um ponto interessante seria comparar a tradução com a versão original, visando mapear melhor as palavras que foram atribuídas a Filipe, o Belo e os seus significados. Além disso, obter mais informações sobre o destino do exemplar entregue a família real também contribuiria para o trabalho. Outra questão é a inclusão de novas fontes que possam esclarecer melhor os conflitos do rei francês com o papado. Outras possibilidades de pesquisa surgem de temas diferentes, mas que utilizam a mesma obra. Este trabalho buscou compreender melhor a escrita do livro, mas o escrito pode ser utilizado para compreender melhor questões ligadas ao reinado de Luís IX, sua jornada durante a cruzada, a sua relação com os povos do Oriente, entre tantas outras.

A jornada por trás da pesquisa acadêmica não se trata apenas de apontar um problema e tentar resolvê-lo. Durante o processo novas habilidades são desenvolvidas, horizontes de possibilidades surgem e a visão do pesquisador é ampliada a cada nova leitura. Pesquisar não é

só gerar um novo trabalho para um mundo acadêmico tão grande, é se aperfeiçoar no caminho. Portanto, diante de tudo que foi exposto até aqui neste trabalho, concluo que, além de encontrar respostas para as minhas hipóteses, saio dessa jornada como uma estudante melhor.

REFERÊNCIAS

Fonte:

JOINVILLE, Jean de. **O Santo das Cruzadas**: São Luís Rei de França. Tradução: William Bottazzini Rezende. Dois Irmãos, RS: Minha Biblioteca Católica, 2022

Bibliografia:

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural E a Contribuição De Roger Chartier. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 125–141, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526860014>. Acesso em: 2 abr. 2026.

BLOCH, Marc; BLOCH, Étienne. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BRANCO, Marília Pugliese. **Os modelos de realeza em São Luís, segundo Joinville**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16022012-114548/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

CARVALHO, Guilherme Beltrão Rosa Marinho. **Joinville e São Luís: Indivíduos e autoria em tempos medievais**. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11170?show=full> Acesso em: 17 abr. 2024

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação**. Fronteiras: Revista de História, vol. 13, no. 24, 2011, p. 15-29. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=588265645002> Acesso: 21 out. 2025

COSTA, Bruno Abreu. Santos e Santidade. O período medieval. **Revista de História da Sociedade e da Cultura**, [S. l.], v. 12, p. 445–456, 30 nov. 2012. DOI: [10.14195/1645-2259_12_19](https://doi.org/10.14195/1645-2259_12_19). Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rhsc/article/view/15112>. Acesso em: 4 mar. 2026.

KANTOROWICZ, Ernst H. **Os dois corpos do rei**: Um estudo sobre teologia política medieval. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. **São Luís – biografia**. Rio de Janeiro, Record, 1999.

MIATELLO, André. O Rei e o Santo: Tratado Político e Hagiografia em João de Salisbury. **Signum** (Associação Brasileira de Estudos Medievais. Online), [s. l.], v. 11, n. 1, p. 155–176, 2010. Disponível em: <https://abrem.org.br/index.php/signum/article/view/14>. Acesso em: 25 ago. 2025.

MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. "O leal conselheiro" e a tradição do espelho de príncipe: considerações sobre o gênero. In: **Actas del IX Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval**: (A Coruña, 18-22 de septiembre de 2001). Departamento de Filología Española e Latina, 2005, p. 89-104

SILVA, Marcelo Cândido da. **A realeza cristã na Alta Idade Média**: os fundamentos da autoridade pública no período merovíngio, (séculos V – VIII). São Paulo: Alameda, 2008

SOBRAL, Cristina. O modelo discursivo hagiográfico. Modelo. **Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval**, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 97-108, 2005. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11524.pdf> Acesso em: 26 ago. 2025

STREFLING, Sérgio Ricardo. A disputa entre o Papa Bonifácio VIII e o Rei Filipe IV no final do século XIII. **Teocomunicação**, [S. l.], v. 37, n. 158, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/2732>. Acesso em: 5 mar. 2026

VAUCHEZ, André. O Santo. In: LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Lisboa: Editora Presença, 1989.